

Luta de Classes


Jornal da Esquerda Marxista

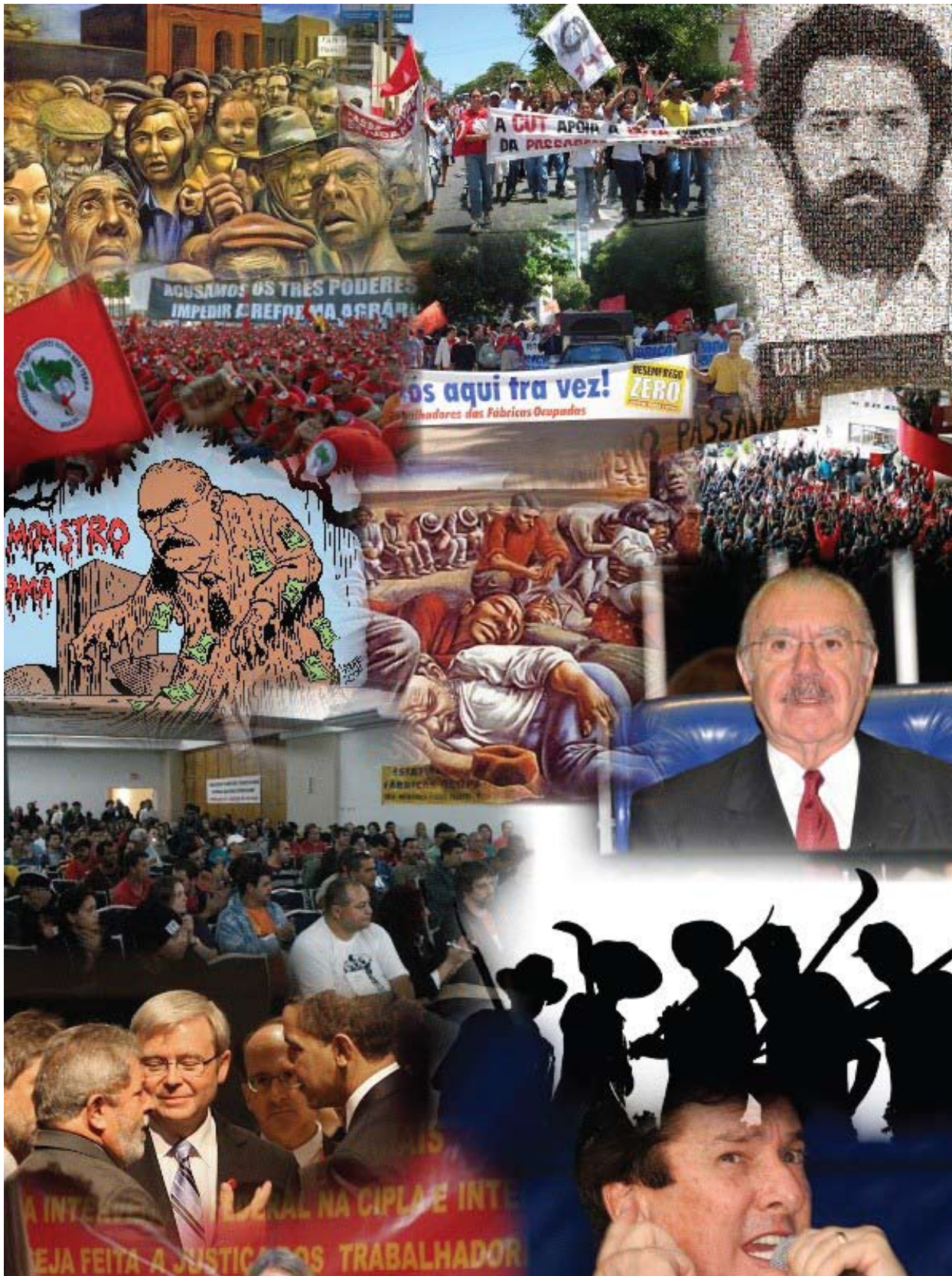
Nº 24

25 de agosto a
24 de setembro/2009

R\$ 3,00

“A emancipação dos trabalhadores será obra dos próprios trabalhadores” (Karl Marx)

 Pela reconstrução
da 4ª Internacional



O BRASIL TEM JEITO. E PODERIA COMEÇAR COM O PT ROMPENDO COM SARNEY, COLLOR, MALUF, E COMPANHIA...

EDITORIAL

Marina deserta. Lula humilha senadores do PT para salvar Sarney. Que fazer?

Pág. 2

MOVIMENTO

Manifestações do MST, da Flaskô, e da CUT na luta pelas reivindicações

Págs. 04, 05 e 15

PARTIDO

Entrevista com Serge Goulart, candidato a presidente nacional do PT

Págs. 10 e 11

INTERNACIONAL

Começou a revolução em Honduras. Leia relato de uma delegação

Pág. 19

www.marxismo.org.br

QUEM SOMOS E PELO QUE LUTAMOS?



A Esquerda Marxista é uma organização política que luta pelo socialismo. Somos a seção brasileira da Corrente Marxista Internacional - CMI, presente em mais de 30 países. Estamos ao lado dos trabalhadores e da juventude em suas batalhas do dia-a-dia rumo à sua emancipação. Juntos com os trabalhadores, ocupamos fábricas (Cipla, Interfibra, Flaskô e tantas outras). Na defesa dos postos de trabalho e direitos, desde 2002 construímos o Movimento das Fábricas Ocupadas na luta pela estatização sob controle operário, resistindo aos duros golpes, como a intervenção a mando do governo federal na Cipla e Interfibra.

Estamos com os trabalhadores rurais sem-terra e os sem-teto nas lutas por terra e moradia. Estamos nos sindicatos, na CUT, combatendo pelas reivindicações dos trabalhadores, contra os pelegos e os divisionistas. Impulsionamos o Movimento Negro Socialista, que tem papel destacado na luta contra o racismo e o racismo – contra a divisão do povo trabalhador brasileiro em “raças”. E com a Juventude Revolução – organização de jovens da EM – estamos na luta da juventude por seus direitos e por um futuro digno; organizando a luta pelo passe-livre e por vagas para todos nas universidades públicas.

Somos uma corrente do Partido dos Trabalhadores, uma corrente que não se furta a combater a coalizão de Lula com a burguesia e a degeneração do partido, dessa forma nos ligamos aos milhares de petistas que continuam fiéis à sua classe e que não se esqueceram dos motivos pelos quais o PT foi fundado.

Marina deserta. Lula humilha senadores do PT. Que fazer?



A atual crise no Senado é expressão da crise econômica, política e moral que vive a burguesia.

E a crise no PT é produto da política reformista e de aliança com os partidos capitalistas. Esta é a origem política da atual crise que vive o PT.

Mesmo se Lula ri e diz que não há crise, todos vêem sinais os sinais de uma crise sem precedentes.

E a burguesia já está em campanha para levar Marina e Serra para o 2º. Turno.

Em 2010, teremos uma “petista de primeira hora” pelo PV contra uma candidatura do PT “petista de última hora”. E lançada pelo Planalto sem discussão no PT. Como pretendem por os militantes em campanha?!

Marina jamais se propôs, no PT, a ser a candidata. Nunca discutiu isso em qualquer instância e muito menos com os militantes. E agora rompe para ser candidata pelo PV, que está aliado estadualmente com o PSDB, com o PMDB, com o PT, com o PDT, etc. São os cavalheiros da indústria do Meio Ambiente.

Marina não sai do PT combatendo pelos “sonhos” como tenta fazer crer a direita. Se é verdade, lamentavelmente, que os ideais da fundação do PT estão sendo varridos para baixo do tapete, Marina faz parte da turma da faxina há muito tempo. Foi ela que fez aprovar a lei de privatização da Amazônia. E anunciou isso no dia da Primavera, 21/09/2006, em Nova York, dizendo que “agora os empresários internacionais responsáveis poderão ajudar a preservar a Amazônia”.

Foi Marina que tentou transformar o IBAMA no território livre das ONGs, principalmente as internacionais, que trabalham e abrem caminho para as multinacionais na Amazônia. Sua opinião pessoal é de que “esta história de proteger a Amazônia contra as multinacionais é coisa dos militares da Ditadura”.

O Jornal Luta de Classes tem publicado regularmente matérias sobre a Amazônia tudo isso com dados. Veja matéria nesta edição (pag. 14).

Outros já romperam com o PT pensando que o povo ia junto. Heloísa

Helena, injustamente expulsa, aceitou a decisão e saiu sem combate. Hoje, anda aliada com um delegado de polícia, Protógenes, seu partido aceita dinheiro da Multinacional brasileira GERDAU e se alia com a burguesia, como o PT.

A crise no Senado é parte destas forças que centrifugam o PT. Todos os que têm pouca ou nenhuma ligação com a classe trabalhadora imediatamente, ao menor sinal de crise, se declaram subitamente “revoltados com a falta de ética do PT”. Na verdade desertam em busca de um abrigo moral e conveniente para sua postura pequeno-burguesa e de carreira solo, que recusa o coletivo e as opiniões dos militantes, trabalhadores e jovens.

E nem falar de socialismo. Enquanto as alianças com os partidos burgueses serviam para eleger, tudo ia bem. Quando sua carreira pessoal periga, então parece que o mundo vai se acabar!

É por isso com mais de 1.700 companheiros de 18 estados do Brasil, impulsionamos a chapa “Virar à Esquerda! Reatar com o Socialismo!” e a candidatura de Serge Goulart a presidente nacional do PT nas eleições do PED, em 22/11/09. Afirmamos que Lula e o PT devem romper as alianças com Sarney, Collor, Maluf e todos os para partidos capitalistas, e apoiar-se na CUT, no MST, na UNE e na mobilização dos trabalhadores para constituir um verdadeiro governo dos trabalhadores do campo e da cidade.

Faça contato e junte-se a nós nesse combate no PT e contra o capitalismo, pelo socialismo!

ASSINE: **Luta de Classes**

Jornal da Esquerda Marxista - Pela reconstrução da 4ª Internacional
 12 N°s R\$ 30,00 - 12 N°s R\$ 50,00 solidário
 Rua Tabatinguera, 326 cj. 11 - Centro - São Paulo, SP - CEP: 01020-000 Fone: (11)3101-8810
 jornal@marxismo.org.br - home: www.marxismo.org.br

Faça contato com a Esquerda Marxista contato@marxismo.org.br

Alagoas: al-contato@marxismo.org.br
 Brasília: df-contato@marxismo.org.br
 Minas Gerais: mg-contato@marxismo.org.br
 Mato Grosso: mt-contato@marxismo.org.br
 Mato Grosso do Sul: ms-contato@marxismo.org.br
 Paraíba: pb-contato@marxismo.org.br

Pernambuco: pe-contato@marxismo.org.br
 Paraná: pr-contato@marxismo.org.br
 Rio de Janeiro: rj-contato@marxismo.org.br
 Rio Grande do Sul: rs-contato@marxismo.org.br
 Santa Catarina: sc-contato@marxismo.org.br
 São Paulo: sp-contato@marxismo.org.br

Encontro Nacional Operário e Popular

Construir a unidade e a mobilização da classe trabalhadora para impedir as demissões e conquistar a estabilidade!

Esquerda Marxista
contato@marxismo.org.br

AOS TRABALHADORES E SUAS ORGANIZAÇÕES,

O mundo está sendo varrido por uma gigantesca crise. E o Brasil está cada vez mais entrando nela com força, apesar das constantes declarações do governo de que a crise já vai acabar.

A verdade é que foram mais de meio milhão de empregos destruídos no setor industrial, só no estado de São Paulo. A produção industrial no Brasil caiu mais de 13,4% no primeiro semestre de 2009. E a exportação de produtos industrializados caiu mais de 30%!

Se há um setor atingido pela crise é o setor industrial. São principalmente os operários que estão pagando pela crise. Nas fábricas que preservam o emprego a conversa é diminuir a jornada e diminuir os salários. Hoje diminuem as horas extras, mas não se contrata ninguém. E se contratam é por salário inferior aos dos trabalhadores que demitiram. Apenas aumentam a exploração dos trabalhadores.

As demissões já se estendem por todo o Brasil. Milhões de metalúrgicos, químicos, vidreiros, plásticos, ferroviários, mineiros, todos os trabalhadores estão sendo atingidos.

As previsões sobre a economia brasileira vêm desabando dos iniciais 5% (anunciados pelo governo em 2008) para a realidade de um PIB de -1%, em 2009.

Na metade de 2009, já temos 3 mi-

lhões de desempregados só nas seis principais regiões metropolitanas. E o emprego industrial, coração do sistema, cai todos os meses. O aumento em serviços não compensa a queda e ainda, sabemos, não resolve nada para o futuro.

Em 2008, a produção industrial no setor automobilístico e no setor de mineração caiu 22,5%. A Produção Industrial Mensal acumulada no 1º semestre de 2009 já registra o desastre para os trabalhadores: retração de -13,4%, em relação aos seis primeiros meses de 2008, a maior queda semestral em 34 anos.

Cada vez que uma fábrica fecha cria-se um cemitério de postos de trabalho. Quando as fábricas abrem é como se a primavera florescesse para as famílias operárias.

Companheiros, não é possível permitir que depois de terem lucrado bilhões, agora os capitalistas descarreguem em nossas costas a crise, demitindo, fechando fábricas e outras empresas.

É preciso resistir e abrir caminho para a construção de outra sociedade que não esteja baseada no lucro, mas na satisfação das necessidades do povo trabalhador, onde se garanta o pleno emprego e todas nossas reivindicações. É preciso realizar já a Reforma Agrária acabando com o latifúndio e colocando as terras sob controle dos trabalhadores do campo e da cidade.

É preciso agir para construir a unidade e a mobilização da classe trabalhadora para impedir as demissões e conquistar a estabilidade!

Esta unidade precisa ser construída



Manifestação da CUT e sindicatos unidos em defesa da REPAR e Fosfertil no Paraná

desde a base, desde as fábricas, as ferrovias, as minas, todas as empresas, e chegar até as direções de nossas organizações, sindicatos, federações e a CUT, a grande Central Sindical deste país.

Como construir a unidade e a mobilização da classe trabalhadora para impedir as demissões e conquistar a estabilidade?

Dirigimo-nos aos irmãos trabalhadores, às direções sindicais, às federações e principalmente à Executiva Nacional da CUT para que organizem discussões na base. Reuniões e assembléias para unitariamente encontrarmos o caminho para enfrentar os patrões e conseguir do governo Lula medidas reais para salvar as famílias dos trabalhadores.

O governo que elegemos tem o poder de decretar, com uma medida provisória, a proibição das demissões e a estatização das fábricas que ameacem demitir ou quebrar. É isso que a CUT tem que exigir de Lula. O governo pode confiscar a riqueza acumulada dos patrões que fecham fábricas ou demitem massivamente. Como conquistar isso?

Vamos buscar apoio em cada local de trabalho, organizar reuniões e assembléias e vamos escolher representantes para realizar um Encontro

Nacional Operário e Popular para discutir como conquistar a estabilidade e impedir as demissões, como abrir um caminho nesta crise.

Neste Encontro Nacional Operário e Popular vamos discutir como construir a unidade da classe trabalhadora e de nossas organizações, como mobilizar nacionalmente, organizar manifestações e lutar contra a crise!

Para ter direito ao futuro devemos agora defender cada uma de nossas poucas conquistas. E isso começa pelo emprego e por nossos direitos. Para que um dia não sofremos mais as crises e as humilhações que os capitalistas nos impõem hoje é preciso lutar. Nenhum passo atrás!

- Impedir as demissões. Conquistar a estabilidade!
- Defender as reivindicações e as conquistas!
- Romper com a burguesia e lutar pelo Socialismo!
- Por um governo dos trabalhadores do campo e da cidade!
- Por um Encontro Nacional Operário e Popular!

Esquerda Marxista
contato@marxismo.org.br
www.marxismo.org.br



Esquerda Marxista nas manifestações do dia 14 de agosto

Mobilizações do MST pela Reforma Agrária

Uma ação nacional organizada em Brasília combinada com ocupações nos Estados obriga o governo a atender reivindicações

Foto: João Zindlar



Sem Terra marcham para casa após o Acampamento Nacional

Os três mil integrantes do Acampamento Nacional pela Reforma Agrária, do MST e da Via Campesina, que estavam acampados em Brasília desde o dia 10, decidiram encerrar o acampamento em 19 de agosto, mantendo o estado de mobilização nos estados para cobrar do governo os compromissos assumidos com a pressão da jornada de lutas.

Os militantes do MST voltam para seus estados com o gosto bom de vitórias arrancadas pela luta com mobilizações e ocupações

Na reunião com os Sem Terra, em Brasília, o governo federal garantiu que a atualização dos índices, que não ocorria desde 1975, será publicada em 15 dias. Com isso, o Incra poderá desapropriar

propriedades improdutivas, que não estavam disponíveis para reforma agrária porque eram utilizados parâmetros de 30 anos atrás.

Os ministérios do Planejamento e da Fazenda liberaram o orçamento previsto para a aquisição de terras pelo Incra, que estava contingenciado em R\$ 338 milhões.

Na Fazenda Nova Alegria, no norte de Minas Gerais, cerca de 1.180 hectares serão desapropriados para o assentamento de 50 famílias que foram vítimas do Massacre de Felisburgo – em que morreram cinco trabalhadores rurais em 20 de novembro de 2004.

“O atendimento de parte de nossa pauta é uma conquista da mobilização do acampamento e dos estados nesta jornada, mas ainda são insuficientes para solucionar as necessidades dos trabalhadores rurais acampados e assentados”, segundo Marina dos Santos, da Coordenação Nacional do MST.

E conclui: “Permaneceremos em estado de alerta e mobilização. Se os acordos não forem cumpridos ou as pautas pendentes não avançarem, voltaremos às ruas”.

Está provado. A organização e a mobilização é que conquistam as reivindicações. É a luta que faz a lei.

Repressão no RS

Em São Gabriel, os 250 Sem Terra que ocuparam a prefeitura do município foram tratados como está se tornando normal no RS.

Os Sem Terra, além de apoiar o Acampamento Nacional pela Reforma Agrária, queriam denunciar a falta de direitos básicos para 400 famílias assentadas na região. A resposta à manifestação foi violenta: Retirada truculenta dos manifestantes pela Brigada Militar que deixou 50 pessoas feridas; 15 delas tiveram que ser atendida em hospital



Manifestação em Santa Catarina em 12/08/09

As ocupações em todo o Brasil

Em 12 de agosto, apoiando o Acampamento Nacional pela Reforma Agrária, organizado pelo MST e a Via Campesina e precedendo as manifestações unitárias contra a crise que se realizaram dia 14, milhares de integrantes do MST marcharam em diversos estados e realizaram ocupações de locais governamentais exigindo a Reforma Agrária.

Em Roraima, cerca de 800 manifestantes ligados ao MST, ao MMC (Movimento de Mulheres Camponesas), à CPT (Comissão Pastoral da Terra), à Fetag e aos sindicatos de professores acamparam na sede do Incra, em Boa Vista.

Na Bahia, cerca de 600 integrantes do MST ocuparam a superintendência do Incra, em Salvador.

No Pará, 850 trabalhadores do MST ocuparam a sede do Incra em Belém. Um dia antes, os Sem-Terra ocuparam a delegacia do Ministério da Fazenda em Belém depois de sete dias de marcha de 200 quilômetros pela rodovia Belém-Brasília.

No Rio Grande do Norte, cerca de 600 sem-terra ocuparam a sede do Incra em Natal.

Em Pernambuco, cerca de 150 famílias do MST também ocuparam a sede do Incra em Petrolina.

No Ceará, 200 sem-terra ocuparam

o Incra em Fortaleza. Foram realizadas manifestações em mais três municípios do Ceará.

Em Goiás, cerca de 2.000 integrantes do MST e do Fórum Estadual pela Reforma Agrária fizeram ato na Assembleia Legislativa em defesa da reforma agrária e da educação, saúde e assistência técnica nos assentamentos do Estado.

Em São Paulo, mais de 1.000 trabalhadores rurais da marcha do MST fizeram um ato em frente ao TRF (Tribunal Regional Federal).

Em Santa Catarina, o MST participou de ocupação de área de 200 hectares, em Florianópolis, em protesto contra a área cedida pelo governo do

Estado para dois grupos empresariais do ramo de hotelaria.

No Mato Grosso do Sul, cerca de 850 sem-terra continuam a marcha iniciada no sábado, que chegará sexta-feira à Campo Grande. Com o lema “Terra, Trabalho e Soberania”, a 6ª Marcha Estadual alerta sobre necessidade da reforma agrária para a construção de uma alternativa à crise econômica.

No Rio Grande do Sul, cerca de cem integrantes do MST ocuparam o escritório do Incra em São Gabriel. Outros 700 manifestantes ocuparam a fazenda Southall e mais 300 pessoas ocuparam o prédio da prefeitura do município.

Flasko: fábrica ocupada sai às ruas

Luta contra ameaça de prisão de Pedro Santinho, dirigente do Conselho da Fábrica Ocupada reúne centenas nas ruas de Campinas

Wanderci Bueno

wanderci.bueno@gmail.com

Mais uma vez os trabalhadores da FLASKÔ, fábrica ocupada e produzindo sob controle dos trabalhadores, foram às ruas de Campinas para manifestar-se pela abertura de negociações com a Procuradoria Federal da Fazenda, contra as ações de embargos e confisco de faturamento da fábrica, contra a criminalização e ameaça de prisão do companheiro Pedro Santinho, coordenador do Conselho de Fábrica.

Um ônibus lotado pelos trabalhadores da FLASKÔ saiu pouco antes das 10 horas da fábrica em Sumaré e se dirigiu até o Largo do Rosário em Campinas. Outro ônibus lotado por companheiros da Ocupação Zumbi, do MTST, que lutam pela moradia e estão sendo ameaçados de despejo, se uniu aos trabalhadores da FLASKÔ.

No Largo do Rosário os manifestantes se encontraram com vários companheiros do Movimento de Trabalhadores Desempregados e também com um numeroso grupo de estudantes de medicina, trabalhadores e populares que já estavam na Praça manifestando-se contra a privatização dos serviços de saúde articulada pelo prefeito Doutor Hélio que quer privatizar o Hospital Ouro Verde.

SÓ A UNIDADE TRÁS A VITÓRIA

Depois de um rápido diálogo entre os coordenadores da cada movimento, chegou-se a um acordo de unificar as Manifestações. Em seguida todos saíram em passeata apoiando os trabalhadores da FLASKÔ, percorrendo várias ruas da cidade, distribuindo panfletos, gritando palavras de ordens e explicando aos transeuntes que a luta em defesa dos empregos, da moradia e da saúde é parte integrante da luta contra o capitalismo, para abrir a via ao socialismo, por uma sociedade sem exploradores nem explorados.

Vários oradores expressaram que a luta em defesa dos empregos, contra as demissões, pela moradia, em defesa dos



Trabalhadores da Flaskô tomam a rua e a frente da Procuradoria da Fazenda em Campinas

serviços públicos da saúde, da educação, são as lutas que, se unificadas desde baixo, podem empurrar as direções da CUT e demais centrais sindicais na direção da construção da greve geral para enfrentar a crise e exigir do governo Lula que ele atenda as reivindicações.

Vários dos oradores afirmaram que o governo Lula deveria abandonar sua aliança com os partidos da burguesia, que devia parar de dar dinheiro para empresários e banqueiros e se colocar ao lado dos explorados e oprimidos para derrotar o capital e atender as reivindicações

Outros falaram também pela reestatização da EMBRAER, VALE DO RIO DOCE, explicando que os sindicatos e os trabalhadores deveriam seguir o exemplo da FLASKÔ, tomando e ocupando fábricas, exigindo a estatização dos bancos, ocupando as terras urbanas e o latifúndio, realizando a reforma urbana e agrária.

Falaram companheiros do MTD

e do MTST, do PT e do Sindicato dos Químicos. Falaram os companheiros da FLASKÔ.

Vários dos oradores afirmaram que o governo Lula deveria abandonar sua aliança com os partidos da burguesia, que devia parar de dar dinheiro para empresários e banqueiros e se colocar ao lado dos explorados e oprimidos para derrotar o capital e atender as reivindicações.

Também esteve presente um companheiro da direção do Sindicato dos Trabalhadores dos Correios que estão em luta contra a privatização destes serviços e expressou seu apoio aos trabalhadores da FLASKÔ.

Ao chegar na Procuradoria da Fazenda os manifestantes tomaram a rua e uma Comissão entrou no edifício para falar com o Procurador. Não tardou muito para que os policiais chegassem intimidando a todos, exigindo o desbloqueio da rua.

Mas, os trabalhadores da FLASKÔ, os estudantes de medicina, os desempregados, os Sem Teto da ocupação Zumbi, decidiram permanecer na rua até a saída da Comissão Unitária que falava com o Procurador.

Após várias tentativas de desalojar os manifestantes, os policiais exigiram a retirada do carro de som do Sindicato dos

Químicos Unificados e que desbloqueassem a rua. Depois de quase uma hora com a rua ocupada, os manifestantes retiraram o carro de som e recuaram para as calçadas. Após a chegada da Comissão todos seguiram em caminhada até o Largo do Rosário onde se realizou um Ato de encerramento da manifestação.

Os companheiros da Comissão informaram que Procuradoria aceitava abrir diálogo para analisar a unificação todas as ações de cobrança contra a fábrica ocupada e estudar a proposta de pagamento de um percentual de 1 % do faturamento da fábrica, proposta apresentada pelos trabalhadores da fábrica. Para tanto o procurador de Campinas prometeu uma reunião com os procuradores federais em um prazo de 15 dias.

Caso a coisa fique mal parada e o governo de novo não cumpra sua palavra, os trabalhadores já estão se preparando para realizar outro Ato na Procuradoria da Fazenda em São Paulo.

Ao mesmo tempo os trabalhadores estão se preparando para uma vez mais se dirigir de novo, diretamente, ao presidente Lula

Ao mesmo tempo os trabalhadores estão se preparando para uma vez mais se dirigir de novo, diretamente, ao presidente Lula.

O Conselho de Fábrica da Flaskô também se prepara para retomar o diálogo com os parlamentares do PT que participaram em Brasília com os trabalhadores de uma Audiência Pública no Congresso Nacional e se comprometeram em conseguir parar estes ataques. O Conselho de Fábrica continua a organizar a luta exigindo de Lula que garanta todos os empregos e direitos dos trabalhadores da Flaskô, suspenda imediatamente todas as ameaças existentes e estatize a fábrica ocupada. Este é, aliás, o teor do Abaixo-Assinado apoiado no 10º. CONCUR por mais de 400 delegados.

Oito meses de coalizão em Joinville



Manifestação contra o aumento das tarifas em Joinville

Maritânia Camargo

maritaniacamargo@ig.com.br

O resultado da última eleição municipal, no final de 2008, trouxe ao mandato da Esquerda Marxista, representado pelo vereador Adilson Mariano, em Joinville, Santa Catarina, um novo desafio: um vereador petista em um governo petista de coalizão

Pela primeira vez, após 20 anos de candidaturas sem êxito, Carlito Merss teve nas mãos a concreta possibilidade de dar a Joinville um legítimo governo do PT. Preferiu não fazê-lo. Acompanhando a orquestra nacional de coligações com a direita empresarial, a direção municipal do partido decidiu coligar-se ao Partido da República (PR) no primeiro turno e, no segundo, ampliou a coalizão com a maior parte dos partidos que historicamente governaram Joinville (PMDB, PP e outros).

Carlito Merss (PT) concorreu com seis candidatos e, no primeiro turno, alcançou um expressivo resultado de 106.164 votos, o que correspondia a 37,14% do eleitorado, mais de 13 pontos percentuais acima do segundo colocado, do Democratas. Não

era preciso ser especialista para perceber que a maior parte da população votou no PT, ansiando por mudanças. No segundo turno, Carlito ganhou com 170.955 votos e retalhou cargos no governo para as siglas que o “apoiaram”, ampliando a coalizão. A Esquerda Marxista, diante do fato, optou por não ocupar cargos no governo, por entender que a coalizão impediria os avanços que a classe necessita.

Agora, após oito meses desse governo, já podemos falar sobre os efeitos dessa escolha. Não negamos pequenos avanços pontuais. Como é o caso da implantação dos seis meses de licença maternidade para as servidoras. Porém, nas questões mais sentidas da classe trabalhadora as coisas se assemelham muito ao que era antes, tendo em vista que muitos dos mesmos de sempre continuam no governo.

Na Câmara de Vereadores, o mandato da Esquerda Marxista tem enfrentado o desafio de, muitas vezes, posicionar-se contra o governo do PT, votando sozinho, sem a bancada do partido, para defender a classe. Como no caso do aumento da tarifa de transporte, em que o vereador Adilson Mariano posicionou-se contra e pediu a sustação do decreto que concedia o reajuste.

Este reajuste provocou semanas de mobilização de milhares de jovens e trabalhadores no centro de Joinville e trouxe

um enorme desgaste para o PT. Carlito atendeu ao pedido das empresas de transporte coletivo e concedeu o maior aumento de tarifa dos últimos seis anos (12,2%). Carlito ignorou a posição do secretário responsável pela pasta do transporte, Nelson Trigo que informou o prefeito sobre dados irregulares na planilha, o mais grave relacionado à quantidade mensal de passageiros onde “A diferença no mês de março chegava a mais de 150 mil passageiros”. O prefeito ignorou também o compromisso, firmado numa audiência com representantes de diferentes movimentos sociais, de que faria um Seminário sobre a situação do transporte em Joinville.

Outra batalha tem sido contra a terceirização dos serviços públicos e a divisão dos servidores municipais, cujo processo foi iniciado pelos antigos governos e continua sendo imposto por Carlito. As lutas históricas do mandato com relação ao emprego, à saúde, à habitação, à educação, continuam mais fortes do que nunca. O que demonstra que não houve um rompimento da Esquerda Marxista e seu vereador com a política que sempre desenvolveram.

Não havia absolutamente nenhuma necessidade de o PT unir-se à burguesia joinvilense para vencer as eleições. A medida apenas deu continuidade ao projeto nacional de coalizão.

Com a proximidade das eleições de 2010, esta política sinaliza aprofundar-se ainda mais na união da senadora Ideli



Não havia absolutamente nenhuma necessidade de o PT unir-se à burguesia joinvilense para vencer as eleições. A medida apenas deu continuidade ao projeto nacional de coalizão



Salvatti (PT) candidata ao governo do Estado, com o empresário Udo Döhler (PR-Joinville), histórico defensor da oligarquia da cidade, como seu vice. A contradição não é gritante apenas pelas siglas a que pertencem. No percurso de suas histórias, principalmente na década de 1980, eles se enfrentaram diversas vezes, ela sindicalista defendendo os trabalhadores, ele como patrão extremamente reacionário e dono de uma das maiores empresas têxteis do Brasil.

É necessário que o PT se redirecione ao que suas bases construíram. Por isso, no Processo de Eleição Direta (PED) do PT, que ocorre em novembro próximo, a Esquerda Marxista lança a candidatura dos companheiros Moacir Nazário, para a presidência municipal, Adilson Mariano, para a Estadual e Serge Goulart para a nacional, e levanta a tese “Virar à esquerda! Reatar com o socialismo”, levando uma política contra a coalizão com os capitalistas. Coalizão que está sendo testada e reprovada à duras penas em Joinville.



Vereador Mariano (PT e Esquerda Marxista) em manifestação contra o aumento da tarifa



Os bancos brasileiros e a crise econômica

Um estudo recente da consultoria Economática demonstrou que no ano de 2008 entre os cinco bancos que tiveram os maiores lucros do continente americano, três foram bancos brasileiros. Banco do Brasil, Itaú e Bradesco só perderam em lucros no ano passado para os gigantes JP Morgan e Bank of America

Daniel Feldman
dafeldbr@yahoo.com.br

Muito tem sido dito sobre a “força” dos bancos e do sistema financeiro brasileiro. Argumenta-se que aqui diferentemente dos EUA e de outros países, o sistema financeiro estaria efetivamente “blindado”. Isso que explicaria os dados citados acima.

Logo no início da crise Lula disse que a coisa é diferente porque os bancos brasileiros “não especulam”. E o ministro da Fazenda Guido Mantega em reunião do FMI em abril foi enfático em dizer que não haveria quebra no sistema financeiro porque no Brasil “a regulação é muito rigorosa”. Será isso mesmo?

PARA QUE SE ARRISCAR?

Um olhar superficial poderia de fato nos fazer concordar com o otimismo dos representantes do governo em relação aos nossos bancos. Estes últimos de fato não praticaram operações tão arriscadas tal como fizeram os bancos americanos com os títulos sub-prime – empréstimos imobiliários para pessoa sem renda – por exemplo.

Ao mesmo tempo, em certos aspectos o governo exerce de fato maior regulação sobre os bancos. Mas isso vem desde a época da Ditadura Militar!

Por exemplo, no Brasil, em parte pelo histórico de inflação que temos o chamado “compulsório bancário”, que é uma porcentagem do valor dos depósitos feitos nos bancos que deve ficar guardada como reserva no banco central - é bem mais alto que em outros

países. Com isso, em tese, o sistema financeiro brasileiro, teria menor chance de uma corrida dos correntistas que o levaria a uma quebra.

Todavia, tudo isso são apenas as árvores que não deixam ver a floresta. Desde que foi empossado, em janeiro de 2003, até maio deste ano, o governo do presidente Lula já pagou R\$ 1 trilhão em juros da dívida pública. Evidentemente, os principais credores de tal dívida são os bancos comerciais e o sistema financeiro de modo geral (além dos bancos comerciais, bancos de investimento, fundos, etc...). Não é a toa que os bancos têm lucrado como nunca nos últimos anos.

Mesmo com as recentes reduções na taxa Selic que serve de base para o pagamento de juros da dívida do governo – hoje em 8, 75% ao ano - emprestar para o governo brasileiro prossegue sendo um dos negócios mais atraídos do mundo, posto que quase nenhum governo oferece uma taxa tão atraente.

É isto que explica porque os bancos brasileiros são mais “sólidos” e “menos especulativos” que o de outros países. As operações arriscadas – como os sub-prime dos EUA – só são feitas na medida em que prometem oferecer altos lucros. Os banqueiros brasileiros puderam se dar ao luxo de obter altíssima rentabilidade meramente emprestando aos cofres públicos. Para que se arriscar tanto se já existe um negócio mais atraente e seguro, feito à custa dos impostos pagos pelo povo brasileiro?

MAS ELES QUEREM MAIS...

Não bastasse o que frisamos acima, é necessário dizer que os bancos querem mais. Depois de serem ajudados pelo governo, no fim de 2008, com a liberação de cerca de R\$ 160 bilhões do “compulsório bancário”, agora eles são os maiores interessados nas propostas de mudanças na taxação da poupança.

Com a recente queda da taxa Selic, muitos investidores tem preferido aplicar dinheiro na poupança e deixam os Fundos de Renda Fixa. Estes últimos,

administrados em geral pelos bancos, são Fundos que aplicam dinheiro em títulos públicos.

Os bancos pretendem tornar a poupança menos atrativa para conseguir manter seus clientes em tais Fundos e garantir sua própria remuneração com as enormes taxas de administração por eles cobradas.



Os bancos pretendem tornar a poupança menos atrativa para conseguir manter seus clientes em tais Fundos e garantir sua própria remuneração com as enormes taxas de administração por eles cobradas



Ao mesmo tempo, ainda que a taxa Selic esteja em queda, os bancos não têm repassado esta diminuição para os seus empréstimos. No Brasil, o “spread bancário”, que é a diferença entre o custo de captação de um banco – que acompanha a taxa Selic - e o que ele co-

bra em seus empréstimos, é o mais alto do mundo.

Como os bancos alegam que a crise tem aumentado a “inadimplência” eles mantêm juros altíssimos para os seus empréstimos. Por isso o trabalhador que pede emprestado, ou está no cheque especial, não sente os efeitos da diminuição da taxa Selic.

E O QUE O GOVERNO TEM A DIZER AOS NOSSOS BANQUEIROS “PRUDENTES”?

Nada... Ou no máximo, afirmam que é preciso aumentar a concorrência entre os bancos para que estes reduzam seus juros e taxas ao cidadão comum. Mas, ao mesmo tempo em que dizem isso, o sistema financeiro torna-se cada vez mais concentrado e poderoso – vide a recente fusão Itaú e Unibanco.

Para acabar com este sistema financeiro que vive às custas do Estado, está mais do que na hora de resgatar uma bandeira histórica do PT: a estatização sem indenização do sistema financeiro, para que as atividades de crédito no país estejam a favor - e não contra! – os interesses da maioria do povo.



Montagem com as capas da revista The Economist desde o início da crise econômica

Sarney, mais um dos trezentos picaretas, e a luta de classes

A crise econômica mundial tem aumentado o interesse pelas idéias marxistas. Da mesma forma se multiplicam os ataques de seus críticos. José Sarney, o ridículo autor de "Marimbondos de fogo", nos dois últimos artigos na Folha de São Paulo (31/7 e 7/8), tenta exercer seu consciente papel de representante das idéias de sua classe

Josiane Lombardi

josianelom@yahoo.com.br

Sarney escreve "Quando a luta política se organizou nas sociedades modernas, os cientistas sociais procuraram desvendar as leis que a governam. Marx sintetizou a mais forte delas quando iniciou o famoso "Manifesto Comunista", dizendo que "a história de todas as sociedades modernas é a história da luta de classes". Isso levou várias gerações a viverem sob o signo de duas palavras: "revolução" e "revolta". A primeira como uma manifestação coletiva, a segunda como uma manifestação pessoal. Tudo isso é passado, e o mundo é outro, se sabendo que a concepção de classes é uma teoria que não resiste à realidade." (FSP, 07/08/09).



Sarney gostaria que acreditássemos que vivemos numa grande irmandade entre trabalhadores e patrões, entre os despossuídos e os donos de tudo, como ele no Maranhão



Nada de novo. Os representantes das classes dominantes sempre tentam mostrar as coisas de modo a esconder a verdade. Além disso, como diz o ditado, "em cão morto, não se bate". Obras como O Capital estão sendo compradas como nunca na Alemanha. Leia também "O retorno de Karl Marx" em <http://www.marxismo.org.br/index>.

php?pg=artigos_detalhar&artigo=236. No Japão um mangá (histórias em quadrinhos) sobre O Capital transformou-se em best-seller entre os jovens.

Sarney gostaria que acreditássemos que vivemos numa grande irmandade entre trabalhadores e patrões, entre os despossuídos e os donos de tudo, como ele no Maranhão.

Sobretudo quando o sistema capitalista está em crise e as supostas idéias do passado são reconhecidas como atuais e processos revolucionários se desenvolvem na América Latina, em particular na Venezuela; quando no Brasil, a luta fratricida entre os partidos da burguesia chegam ao ponto de que não se sabe o que pode acontecer nas próximas eleições.

Realmente o senador deve estar preocupado e diz que a luta política agora se dá pela manipulação da mídia e da opinião pública e que "A democracia representativa já era". Logo, se a democracia já era, a mídia mente e a luta de classes não existe, qualquer um pode tomar conta do poder como bem entender, deve ser o que ele pensa. É este mesmo senador o feroz crítico de Hugo Chávez que considera um ditador e que, junto a Collor se manifestou contra o ingresso da Venezuela ao MERCOSUL, um país que segundo ele "não é democrático, ou que está a caminho da ditadura". A ele deve incomodar a revolução venezuelana, fato que não o ajuda a convencer de que a revolução e a luta de classes sejam coisas do passado.

Já no texto da sexta-feira passada Sarney diz "Foi Lênin quem aplicou como método as leis da guerra à política. Ele não a via como um instrumento democrático para a conquista do poder, mas como uma disputa cuja finalidade não era o jogo das idéias, e sim, como na guerra, uma luta entre inimigos não para vencer o adversário, mas exterminá-lo - e nisso toda crueldade devia ser usada. Daí o pensamento dele tão divulgado de que os fins justificam os meios."

O senador, falsa e propositalmente, atribui a Lênin o pensamento que geralmente é atribuído a Maquiavel, escritor filho de nobres decadentes do século XV, embora nem mesmo este último o tenha escrito.



Sarney e seu Meio Ambiente, as instituições burguesas que defendem os capitalistas

Maquiavel dizia que o Estado deveria ser forte e centralizado, com autoridade necessária para conter os conflitos sociais. Seu pensamento foi muito útil as classes dominantes tanto durante o declínio do feudalismo como neste último século de agonia do capitalismo.



O senador, falsa e propositalmente, atribui a Lênin o pensamento que geralmente é atribuído a Maquiavel, escritor filho de nobres decadentes do século XV, embora nem mesmo este último o tenha escrito



Lênin, não tem nada a ver com isso. Pelo contrário, lutou na organização de um estado operário, contra a propriedade privada, a rapina e o sistema de exploração dos capitalistas, em favor e junto da classe operária soviética e para organizar e planificar a economia com base nas necessidades sociais. Se Lênin e os revolucionários russos foram duros com a burguesia na Rússia e com os exércitos imperialistas que tentaram sufocar a revolução com seus canhões, bem sabemos como o mereceram. Mas também foi na frente que os soldados russos se confraternizaram com os soldados estrangeiros enviados e muitos entenderam que seus

inimigos não eram os comunistas, mas a burguesia em seus países.

Enfim, o senador Sarney, açoitado entre os seus, desmoralizado entre os imorais do "Congresso dos Picaretas", como disse Lula certa vez, não tem autoridade nem neutralidade para atacar as idéias e práticas dos marxistas, da classe trabalhadora e dos revolucionários de qualquer tempo. Mas compreende-se que este é seu papel de classe. Nosso problema não é ele, mas sua classe exploradora seja nos latifúndios, seja nas fábricas. Eles existem em todo o mundo e a luta da classe trabalhadora internacional deve ser para organizar a revolução socialista e varrê-los todos, do poder, sem piedade.



Lênin varrendo o mundo de gente como Sarney, reis e capitalistas

Chapa cutista vence eleições nos Vidreiros de São Paulo

Nos dias 27, 28,29 e 30 de julho ocorreram as eleições no maior Sindicato de trabalhadores na indústria de vidro da América Latina



Assembléia para eleição da comissão eleitoral a Chapa 1 ganha com 76% é o começo da vitória

José Carlos Miranda

miranda@mns.org.br

Duas chapas concorreram: a Chapa 1 apoiada pela CUT, e que em sua maioria era composta por companheiros e companheiras da Esquerda Marxista e por setores da articulação sindical e CTB e a chapa 2 apoiada pelo grupo intersindical.

O Sindicato dos Vidreiros é histórico no movimento operário brasileiro e no estado de São Paulo. Sua direção esteve a frente de memoráveis lutas, desde a participação na Greve Geral de 1917, passando pela resistência ao Estado Novo, na fundação da CUT e na mobilização do “Fora Collor”, nas grandes greves com ocupação na vidraria Santa Marina em 1994 e outros duros combates da classe operária.

Nas últimas gestões do sindicato um grupo de diretores (intersindical), a partir de uma maioria artificial, aparelhou o sindicato e com uma prática de rolo compressor acabou paralisando o sindicato. O sindicato estava deixando de cumprir sua tarefa essencial que é proteger, organizar e mobilizar os trabalhadores na sua luta contra a exploração e a opressão. Diretores descontentes com os rumos da entidade romperam com esse grupo juntando-se a corrente sindical Esquerda Marxista que juntamente com outros setores da diretoria construíram uma nova maioria na direção do sindicato e reiniciaram as mobilizações e o trabalho do chão de fábrica.

O resultado desses acontecimentos foi logo verificado na campanha salarial, na participação nas instâncias da CUT e nas atividades unitárias como no dia 30

de março, Dia de Luta contra as demissões, nas grandes mobilizações e greves na região de Ferraz de Vasconcelos (cidade da Grande São Paulo), Vale do Paraíba (luta contra a co-participação do convênio médico na Pilkington e CE-BRACE), nas mobilizações por aumento da PLR em diversas fábricas.

Essa retomada da ação do sindicato garantida pela nova maioria no sindicato, foi o elemento decisivo para a vitória da Chapa 1.

Resultado da eleição em votos válidos:

Chapa 1	Chapa 2	TOTAL	% CHAPA 1
3270	2583	5863	56%

Foi uma eleição disputada, mas prevaleceu o excelente trabalho na base categoria dos diretores que construíram a chapa 1. Em várias fábricas importantes e polos industriais tais como: Região leste da Grande São Paulo (onde se concentram as fábricas “manuais”)

e no polo industrial do Vale do Paraíba a chapa 1 chegou a obter 80% dos votos válidos e ainda obteve vitórias significativas em grandes fábricas: Nadir Figueiredo, Vidraria Anchieta, UBV, FANAVID etc.

O resultado das eleições demonstra que há ainda muito trabalho por fazer, preparar o Congresso ainda neste mandato, organizar uma campanha salarial com mobilizações para enfrentar os patrões e manter o sindicato como ferramenta de luta e unidade dos traba-

lhadores em defesa das reivindicações imediatas e histórica da classe operária e do povo trabalhador.

Parabéns a todos companheiros e companheiras da Chapa 1 e a todos trabalhadores vidreiros que mantém o sindicato sob a bandeira da luta de classes!



Mobilização e protesto contra o pagamento de convênio médico na CEBRACE

A Jornada de Lutas em Curitiba e a CUT

Fabiano Ostoiev

fabianoostoiev@brturbo.com.br

No dia 14 de agosto, sob o lema a classe trabalhadora não vai pagar pela crise, manifestantes coloriram com suas bandeiras e faixas a Praça Santos Andrade, no centro de Curitiba, para a passeata da Jornada Nacional de Lutas. Participaram a CUT, CTB, CGTB, Intersindical e Conlutas. As exigências centrais eram o

fim das demissões e a redução da jornada de trabalho sem redução de salários.

Em Curitiba, depois de uma confusa manifestação em 30 de março e de um 1º de Maio militante, essa passeata foi a primeira do ano a reunir mais de mil manifestantes na capital paranaense. Em todas elas, os militantes da Esquerda Marxista estiveram presentes.

Não foi dessa vez que a massa trabalhadora veio às ruas. Foi essencialmente um

ato de direções sindicais, partidárias, estudiantis e dos movimentos sociais. E a crise já está testando, na prática, essa unidade.

Em junho, a Bosch demitiu 900 trabalhadores, sem que nada de efetivo fosse feito pelas centrais sindicais, em especial pela CUT. Essa inação não pode ser justificada com a observação de que é a Força Sindical que dirige o sindicato dos metalúrgicos em Curitiba e região. Isso apenas revela que um setor fundamental

da classe trabalhadora ainda nem de longe é alcançado pela esquerda.

A nova direção da CUT, eleita recentemente, tem um grande desafio à frente. Ela vai dizer se sua participação na Jornada de Lutas foi apenas uma forma de aliviar a consciência de parte da militância - que afinal, pode dizer que pelo menos fez alguma coisa - ou se foi um passo real na construção de uma frente única, digna das lutas que a crise apresentar pelo caminho.

Romper com a burguesia, mobilizar a classe

O Jornal Luta de Classes entrevista Serge Goulart, um dos seis candidatos a presidente nacional do PT, nas eleições internas (PED) de 22 de Novembro. Serge Goulart, dirigente da Esquerda Marxista, corrente do PT, representa a chapa **Virar à Esquerda! Reatar com o Socialismo!**



Serge Goulart, candidato à presidente do PT

Jornal Luta de Classes: Qual é o centro político da Tese “Virar à Esquerda! Reatar com o Socialismo!”?

Serge: A imensa crise econômica que atinge o planeta re-atualiza todas as origens do PT e demonstra de maneira gritante que não há saída para a classe trabalhadora neste sistema. A maioria dos companheiros da Direção Nacional do partido embarcou na linha das reformas no capitalismo, como se isso pudesse resolver os problemas da humanidade. E isso é completamente falso do ponto de vista histórico e do ponto de vista do cotidiano da vida das massas.

A crise chega ciclicamente e cada vez mais devastadora. E tudo o que se conseguiu eventualmente com muita luta e esforço, é arrancado violentamente de uma só patada pelos capitalistas. Além do que, o fosso entre ricos e pobres, entre os que detêm os meios de produção e os que só têm sua força de trabalho para vender, cada vez se amplia mais. Esta é a realidade.

E os atuais dirigentes estão conduzindo o partido e a classe trabalhadora a um beco sem saída, vendendo ilusões e tentando bloquear a luta de classes em nome da colaboração de classes com a burguesia. É isso que desejamos interromper buscando mostrar a todo o partido que chega de ir à direita, é preciso virar à esquerda e reassumir as bandeiras socialistas do movimento operário revolucionário internacional.

E temos legitimidade para isso, pois sempre nos opusemos a estas coligações e a esta política aplicada pela direção do partido e pelo governo. O giro do partido à direita se acentua a partir do governo e isto esgarça e, no limite, vai levar à ruptura do partido com sua base social, os milhões de trabalhadores do campo e da cidade que fizeram de tudo para mudar este país e levar Lula à Presidência.

Retomar o combate contra o capitalismo e pelo socialismo. Este é o centro político de nossa Tese e de nossa Chapa.

JLC: E como isso se concretiza em Plataforma política?

Serge: A direção do PT deve ser responsável frente à classe trabalhadora e, portanto entrar em luta para organizar, mobilizar para arrancar as necessidades econômicas e sociais mais sentidas e necessárias para o progresso social que o capitalismo impede. Por isso, insistimos em que o PT deve virar à esquerda e reatar com as bandeiras históricas do socialismo.

Isso começa, na prática, com a ruptura da coalizão com Sarney, Collor, Maluf, Quércia, Jader Barbalho, José Alencar, ou seja, com os partidos de direita, os partidos capitalistas. Só assim é possível entrar no caminho de estatizar o sistema financeiro e todas as grandes empresas capitalistas nacionais e internacionais, fazer a reforma agrária e re-estatizar as empresas privatizadas, como CSN, Vale do Rio Doce, etc. Só assim se pode de fato defender a Petrobrás 100% estatal e o pré-sal, anular os leilões petrolíferos e retomar o monopólio estatal do petróleo.



Só com independência de classe, com uma política independente, podemos mobilizar o povo trabalhador para impor as reivindicações populares e avançar para o socialismo



Só com independência de classe, com uma política independente, podemos mobilizar o povo trabalhador para impor Educação Pública e gratuita para todos em todos os níveis. Garantir uma Previdência Pública e Solidária. Só em luta contra os patrões se pode conquistar a estabilidade no emprego e impedir as demissões.

A única forma de se ter de fato o controle da economia é decidindo o controle do câmbio, o monopólio do comércio exterior pelo estado e a inconvertibilidade da moeda brasileira.

Sem isso não se pode planificar a economia para que ela esteja orientada para as necessidades populares. No capitalismo se produz o que dá lucro e não o que inte-

ressa ao povo. É preciso por o mundo de cabeça para baixo e que o peso da grande base desta pirâmide social esmague a ponta de cima privilegiada, corrupta, degenerada socialmente e cínica. A pirâmide tem que se transformar num grande plano, no sentido geométrico e econômico.

JLC: Qual sua avaliação da direção atual do PT?

Serge: A maioria da direção do partido tem uma concepção reformista e etapista. Como o antigo partido comunista, o PCB, e hoje o PCdoB, acreditam, e escrevem isso, que sendo o Brasil um país atrasado e dominado pelo imperialismo então deveríamos nos aliar com certos setores da burguesia, que pretensamente teriam grandes contradições com o imperialismo, na luta por um “desenvolvimento nacional do capitalismo brasileiro”. Seria uma “Etapa” do desenvolvimento capitalista que deveríamos passar necessariamente, como ocorreu com a França, a Inglaterra, os EUA, a Itália, enfim as nações capitalistas desenvolvidas.

É a concepção menchevique, Plekanovista, da história e da política. É isso que explica apoiar, como todos eles fizeram no 10º Encontro Nacional do PT, o envio de tropas brasileiras para massacrar o povo do Haiti a mando do imperialismo EUA, sob a cobertura da ONU.

Como não encontram burguesia nativa capaz de assumir qualquer enfrentamento com o imperialismo, então eles mesmos fazem o papel da burguesia, do ponto de vista de que política aplicar. E isso está explicado muito bem na Resolução Política aprovada no 3º Congresso do PT, em 2007:

“Temos de criar o mercado interno que, com a integração da América Latina, dê dinamismo ao capitalismo brasileiro e promova outro tipo de reforma. A partir daí poderão surgir outros temas em discussão, aparentemente proibidos hoje, como a propriedade social e o caráter da empresa privada. Cria-se uma perspectiva socialista, e não só de reformas dentro do capi-

trabalhadora, avançar para o socialismo

talismo” (3º Congresso do PT).

Na direção do PT se mesclam teorias de “revolução por etapas”, reformismo clássico, e defesa aberta do capitalismo que é o que define, enfim, a orientação política. Isto conduz ao impasse, como aconteceu com o antigo PCB. Foi esta mesma orientação política do PCB e do PCdoB que levaram ao surgimento do PT. O Partido dos Trabalhadores nasceu e cresceu lutando contra esta política



Foi esta mesma orientação política do PCB e do PCdoB que levaram ao surgimento do PT. O Partido dos Trabalhadores nasceu e cresceu lutando contra esta política



Essas concepções reformistas e etapistas só se impuseram no interior do partido apoiadas no crescimento econômico dos últimos anos (que parecia permitir uma melhora gradual, lenta, mas segura, das condições de vida), na derrocada intelectual de muitos que antes sustentavam o stalinismo e que com a queda do Muro de Berlin e o fim da URSS se passaram ideologicamente para “a democracia”, ou seja, para o capita-

lismo. Não é desprezível a pressão feita pelo aparato internacional da social-democracia para “domesticar” o PT, mas isso só deu certo porque havia uma base social para isso. A saber, um progresso das condições de vida de muitos setores de trabalhadores e particularmente a adaptação de enormes setores de dirigentes sindicais e partidários às máquinas sindicais, parlamentares e executivas do Estado burguês.

A esquerda revolucionária do partido também contribuiu para isso se adaptando à vida “parlamentar” do interior do partido e cada vez mais se preocupando com a vida eleitoral de cada dois ou quatro anos e cada vez mais restringindo sua resistência à defesa das reivindicações econômicas dos trabalhadores. Esta adaptação ajudou, ou permitiu que a direção fosse mais à direita ainda.

A adaptação política das grandes correntes de esquerda do partido à vida “parlamentar” do aparato do partido e às instituições da burguesia, levaram estas correntes a uma posição cada vez mais equivocada. Hoje é muito difícil encontrar diferenças políticas importantes entre elas, ou entre elas e o programa prático do próprio governo Lula com seus ministros capitalistas

Além disso, a maioria da direção do PT abdicou de dirigir o partido como um partido de esquerda e de classe, assim



Serge Goulart coordenou o Movimento das Fábricas Ocupadas no Brasil e América Latina

como o próprio governo que conquistou. Lula faz o que quer sem consultar ninguém e informa a direção do partido pela imprensa, que imediatamente apóia incondicionalmente o comunicado. A maioria da direção do PT (várias correntes coligadas) apóia a aliança do PT com os partidos capitalistas. E estas alianças estão desgraçando o partido como qualquer um pode ver.

Mensalão e outros acontecimentos são resultado desta política que ao fim e ao cabo não permite atender nenhuma reivindicação real dos trabalhadores. É por isso que de tempos em tempos, quando a coisa fica muito grave, se encontra um bode expiatório, e em nome da “Ética na Política” se imola um companheiro no altar da burguesia. Qual-

quer que sejam seus erros e atitudes politicamente imorais (e eles têm responsabilidades por seus atos), tudo isso é a consequência óbvia de uma orientação política de fundo que leva a utilizar métodos estranhos aos interesses da classe operária e à luta pelo socialismo. Isso deve ser corrigido imediatamente ou vai continuar a acontecer.

E por fim, não viram a crise, não entenderam sua origem e nem seu alcance. É só ver seu apoio às bobagens econômicas e teóricas divulgadas pelo ministro Mantega, pelo próprio Lula e seus colegas de governo. Como não podemos crer que estivessem enganando o povo brasileiro só podemos concluir que realmente pensavam que o Brasil “estava blindado”, que só haveria uma “marolinha”, etc. Como se fosse possível “capitalismo num só país”. É incrível. De fato, não sabem o que fazer para retirar o Brasil e os trabalhadores do sofrimento sem fim das crises capitalistas.

Por isso apresentamos a chapa “Virar à esquerda. Reatar com o socialismo!” e minha candidatura a presidente nacional do PT. Buscamos agrupar todos que desejam continuar fiéis à sua própria classe sobre a base de um programa marxista, único programa hoje capaz de fazer reviver o que foi o PT nas suas origens e levá-lo à frente na luta pelo socialismo. É para isso que pedimos o voto de todos os petistas.

Quem é e o que defende Serge Goulart

Serge Goulart é fundador do PT, foi dirigente do partido em Santa Catarina e membro do Diretório Nacional. Desde 2003, foi eleito Coordenador do Conselho de Fábrica da CIPLA e Interfibra, fábricas ocupadas pelos trabalhadores, assim como do Movimento Nacional das Fábricas Ocupadas. É da direção Internacional da campanha “Tirem as Mãos da Venezuela”.

Serge é dirigente da Esquerda Marxista do PT e autor de “Devolvam a nossa Previdência”, “Racismo e luta de classes”, “ALCA, NAFTA, MERCOSUL e Tratados de Livre Comércio”, além de editor do “Jornal Luta de Classes” e da revista marxista América Socialista, entre outras publicações.

A candidatura de Serge Goulart tem como objetivo discutir com todo o partido necessidade da ruptura da coalizão com os partidos capitalistas (PMDB, PP, PR, PDT, etc.) e tomar medidas de defesa da classe trabalhadora ou podemos perder as eleições de 2010, permitirmos a volta da direita à Presidência do Brasil e bloquear o caminho para o socialismo por muito tempo.

O capitalismo traz a guerra e o sofrimento como a nuvem traz a tempestade. É a única saída é a estatização do mercado financeiro e de todas as grandes empresas capitalistas. Confiscar os latifúndios e entregá-los para os trabalhadores rurais sem-terra com uma Reforma Agrária que sustente um verdadeiro desenvolvimento industrial.

É preciso re-estatizar as empresas privatizadas, começando pela Cia. Vale do Rio Doce. É preciso ter a Petrobrás 100% estatal e a volta do monopólio do petróleo. Revogar a Reforma da Previdência. Garantir Educação e Saúde Públicas e Gratuitas de qualidade para todos. Proibir as demissões e garantir estabilidade

no emprego. Estatizar as fábricas quebradas ou que ameaçam demitir. Confiscar a riqueza dos empresários que demitem ou quebram as empresas.

Um governo do PT apoiado na CUT, no MST, e nas organizações populares, tem capacidade e força para acabar com a especulação financeira, decretar o controle do câmbio, o monopólio do comércio exterior, e começar a tomar medidas de planificação da economia no interesse dos oprimidos e explorados.

Para isso, o PT precisa virar à esquerda, reatar com o socialismo!

BNDES LIBERA R\$ 1 BILHÃO PARA SOCORRER UNIVERSIDADES PRIVADAS

O Movimento Estudantil precisa retomar a luta por “dinheiro público somente para o ensino público”

Fábio Ramirez

faboramirez.com@gmail.com

O governo Lula através do Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social – BNDES “*liberou uma linha de financiamento para instituições de ensino superior públicas e privadas com juros menores e prazos de pagamento maiores do que os praticados no mercado.*”

A linha de financiamento do BNDES terá duração de cinco anos e disponibilizará R\$ 1 bilhão --cerca de 40% do orçamento da USP. Os recursos poderão ser usados para gastos em infraestrutura, compra de equipamentos, qualificação de professores, capital de giro (custeio), fusões e aquisições e até pagamento de dívidas.

A linha de crédito é fruto de um protocolo firmado entre o MEC e o BNDES.” (FSP, 06/08/2009).

A matéria publicada pela Folha de São Paulo explica o objetivo da linha de crédito: “*ajudar as instituições para diminuir os efeitos da crise econômica*”. Mais claro impossível.

ESTE É O RESULTADO DO GOVERNO DE COALIZÃO

Segundo a matéria “*o lobby do setor de ensino superior para obter um programa de financiamento começou em fevereiro*”. E Lula atendeu as reivindicações da bancada educacional, formada por representantes dos empresários da educação, donos de faculdades e redes privadas de ensino, quando há anos as entidades estudantis reivindicam do governo mais verbas para a educação, e a resposta foi sempre não tem.

LULA DEVERIA GOVERNAR PARA QUEM LHE DEU O MANDATO, A JUVENTUDE E O POVO TRABALHADOR

Ao invés de ajudar os empresários, deveria estar ao lado dos estudantes inadimplentes, revogando a lei criada por FHC, a Lei das Mensalidades, que

permite às instituições privadas perseguirem os inadimplentes impedindo-os de estudar.

Deveria estar ao lado dos milhões de jovens que nem chegam a estudar numa faculdade, pois não conseguem pagar as caras mensalidades e não tem vaga para todos nas instituições públicas. Lula deveria caminhar para a universalização do ensino superior, caminhar para a criação de vagas para todos nas universidades públicas!

A UNE E A UBES SE DECLARAM CONTRÁRIOS À LINHA DE CRÉDITO AOS EMPRESÁRIOS, MAS É PRECISO MOBILIZAR DE VERDADE!

Em nota oficial no site assim se declara a entidade dos estudantes: “*indignação da União Nacional dos Estudantes (UNE) e da União Brasileira dos Estudantes Secundaristas (UBES) com a notícia da concessão de uma linha de crédito para capitalizar as instituições de ensino superior privadas*”. A indignação está correta, afinal, a bandeira histórica do Movimento Estudantil é “Dinheiro Público somente para Educação Pública”.

“*É um absurdo e não faz sentido o Ministério da Educação conceder capital de giro pra faculdade particular! (...) Mas o fundamental que a UNE tem defendido é que as universidades privadas quebradas devem ser imediatamente estatizadas*”, afirma Augusto Chagas, presidente da UNE.

Sim! Está certo o presidente da UNE, as universidades privadas em crise, devem ser imediatamente estatizadas!

Mas a nota da UNE e da UBES, após fazer uma análise correta contrária à decisão do governo em ajudar os empresários da educação, conclui que “*isso mostra, mais uma vez, a necessidade da luta pela regulamentação das instituições particulares*”. Pelo contrário, a regulamentação do ensino privado significa oficializar em lei um índice “aceitável” de aumentos de mensalidades e de lucros dos em-

presários, quando a posição correta seria a de caminhar para a universalização do ensino público com vagas para todos nas universidades federais!

Depois de se declarar contrário à verba pública financiar o ensino privado, a nota termina estranhamente assim: “*A UNE e a UBES farão pressão para que o crédito seja exclusivo para o pagamento de dívidas, além de gastos em infraestrutura, compra de equipamentos, qualificação de professores e fusões e aquisições, também previstos no acordo*” ???

A UNE e a UBES deveriam é fazer pressão para que nenhum dinheiro público fosse destinado às instituições privadas!

QUAL A SAÍDA DO IMPASSE?

A UNE/UBES como representantes dos estudantes tem autoridade política para exigir de Lula o rompimento das alianças com os empresários da educação. Exigir um governo a serviço das reivindicações e necessidades populares e dos estudantes!

Para o tanto não basta apenas pronunciamentos, é necessário mobilizações na base, desde a sala de aula, com os Centro Acadêmicos e Diretórios Centrais; para tomar às ruas em grandes atos e manifestações por vagas para todos no ensino público e nenhum centavos para os capitalistas da educação!



Realizado o Encontro Sul da JR

Mario Roberto Dutra Pereira
mario.dutrapereira@gmail.com

Centrando fogo nas discussões acerca da Educação e do Movimento Estudantil, aconteceu no dia 15 de agosto, em Joinville/SC, o Encontro Regional Sul da Juventude Revolução da Esquerda Marxista. O encontro, que foi realizado na sede da Associação de Moradores do Bairro Adhemar Garcia e contou com a presença de 22 dois jovens, divididos entre a delegação de Joinville (13), Curitiba (8) e Florianópolis (1).

Na parte da manhã, houve uma mesa com a temática “Universalização do Ensino”. Neste espaço os jovens discutiram as Reformas Educacionais da década de 90, relacionado-as com a crise estrutural do capital e o reordenamento do mundo do trabalho. Apontou-se que a educação, nesse contexto, passa a cumprir um papel estratégico fundamental para o avanço da força produtiva capitalista,

respondendo os anseios desta para a formação humana para o mundo do trabalho. Lembramos que a década de 90 foi um campo aberto para a política de ajustes estruturais e políticas do estado (reformas, privatizações), e tais processos responderam a orientação de organismos internacionais (BIRD, FMI).

O Movimento Estudantil foi o debate que abriu a tarde do encontro. Partindo da experiência prática dos ali presentes discutiu-se a responsabilidade que os militantes marxistas jovens têm frente às organizações estudantis, construindo-as, fortalecendo-as e garantido sua combatividade e independência. Tomou-se como exemplo a forma de organização do Sindicato de Estudantes, entidade nacional dos estudantes espanhóis, que acumula anos de luta em defesa da educação naquele país, sem se descolar do compromisso histórico da classe trabalhadora, a luta pelo socialismo.

Os jovens que participaram deste en-



Militantes da JR no Encontro Sul da Juventude Revolução

contro saíram com o compromisso de encaminhar tais discussões nos seus locais de estudo e preparar o XII Encon-

tro Nacional da Juventude Revolução, na Fábrica Ocupada Flaskô.

Luta de classes em Pernambuco

Joseir Gonçalves (Marujo)
joseirgoncalves@yahoo.com.br

No dia 25 de março de 2009, o governo do estado recebeu a pauta de reivindicações da categoria. Em assembléia no dia 06 de julho os professores da rede estadual decidiram deflagrar greve. Em estado de greve desde o dia 11 de junho, a categoria exigia a aplicação do índice de 19,2% estipulado este ano para reajuste do Piso Salarial Nacional do Magistério. Outra reivindicação é que um professor de nível médio que trabalha 30 horas semanais passe a ganhar R\$ 1.132,40, ao contrário dos atuais R\$ 712.

A greve durou 54 dias. Ao final se encerrou por causa da repressão e da perseguição judicial e política.

O Tribunal de Justiça de Pernambuco decretou em 10 de julho a ilegalidade da greve e estipulou o prazo de 48 horas para o retorno às salas de aula. Segundo a decisão, do juiz Djalma Andreilino Nogueira Júnior, os docentes têm que “voltar ao



Trabalhadores da Educação de Pernambuco em greve

trabalho, abster-se de ameaçar o serviço educacional e não impedir o acesso da população às unidades educacionais”. E determinou ainda multa de R\$ 20 mil por dia de greve. Ditadura pura!

O governo estadual havia determinado a volta ao trabalho até o dia 7 de agosto, sob pena de serem afastados de

suas funções ou, inclusive, serem demitidos por abandono de emprego.

A greve encerrou com um reajuste de 5% para todos os servidores da educação, tanto ativos quanto inativos; além do “Abono Educador” no valor de R\$ 200. Os vencimentos dos técnicos educacionais terão um reajuste de 60% e ha-

verá ainda ajuste de nível para diretores de escolas. Além disso, o Secretário da Educação se comprometeu com a devolução dos valores descontados nos contracheques dos professores em greve.

LUTA EM JABOATÃO

Em Jaboatão dos Guararapes-PE os trabalhadores em Educação da Rede Municipal fizeram greve com ocupações. Após 45 dias de greve sem terem suas reivindicações atendidas os trabalhadores passaram a ocupar prédios públicos. Então, o Prefeito Elias Gomes (PSDB) abriu negociações mediadas pela CUT e a Deputada Estadual Tereza Leitão (PT). Na Avaliação dos dirigentes sindicais do Sindicato dos Trabalhadores em Educação de Jaboatão – SINPROJA, a ação trouxe benefícios aos trabalhadores que conseguiram implantar o PCC dos funcionários de escolas e a antecipação salarial de 5,6 do piso salarial a ser implantado em setembro.

A farra da grilagem de terras públicas na Amazônia

Carlos Alberto F. da Silva
carlosfds@terra.com.br

Flávio A. Reis
reis.geografia@gmail.com

“Grilagem” é o ato de falsificar documentos de propriedade de terra. Esse termo tem origem quando os papéis eram colocados numa caixa com grilos de modo que a ação dos insetos imprimisse neles uma aparência antiga. O grileiro é um invasor que forja um documento legítimo através de falcaturas como adulteração de títulos e fraudes na dimensão da propriedade.

A grilagem gera a pilhagem dos recursos naturais e sua motivação varia em função dos interesses do mercado capitalista. Nas décadas de 60 e 70, ela servia à mineração de ouro, bauxita e estanho. A partir de 80 ela foi praticada principalmente por madeireiras, pecuaristas e especuladores imobiliários.

O PASSO A PASSO DA GRILAGEM

1 - O grileiro identifica a terra a ser grilada e obtém seu controle. Abaixo, os métodos mais comuns:

A - Concessões de seringais

Durante os anos 40 e 50, expediu-se concessões de 1 ano para exploração de seringais. Mas ainda hoje estes documentos são usados para requerimento de terra. Grandes áreas na Terra do Meio (PA) foram assim privatizadas.

B - Ocupação de área desabitada

O grileiro cerca uma área na floresta

guardando-a com homens armados.

C - Concessões de “sesmarias” (!)

Entre 1531 e 1822, concessões de terras não-cultivadas, chamadas de “cartas de sesmarias”, foram designadas para colonos. Absurdamente, elas ainda são usadas para registro de terras.

D - Ocupação, aquisição e falso arrendamento de terra já ocupada

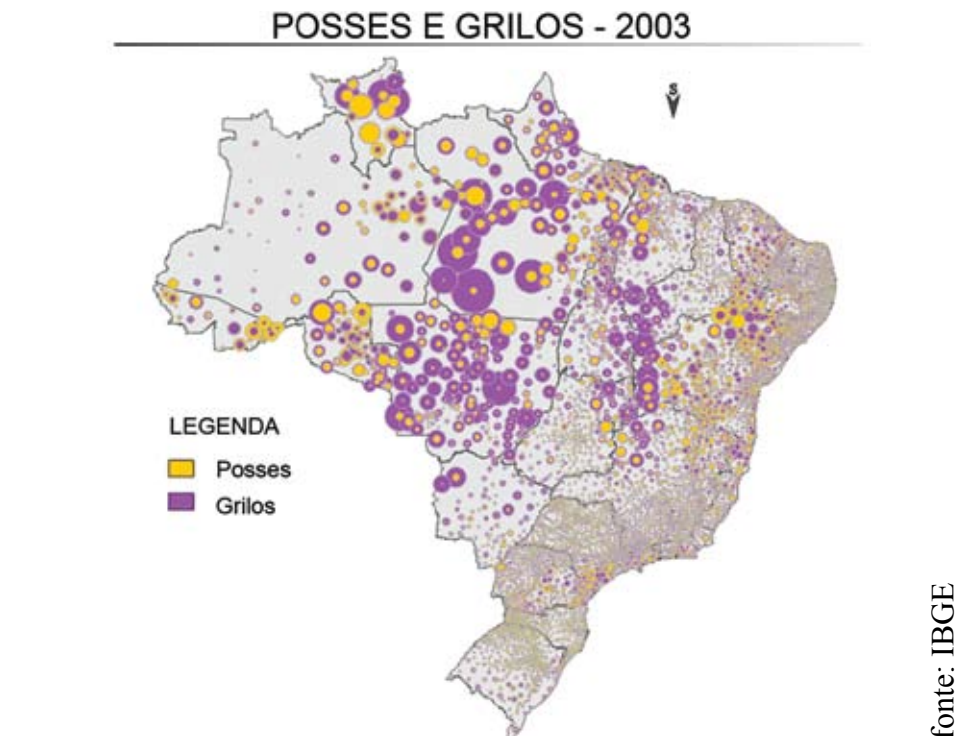
Onde há famílias ao longo de um rio ou estrada, o grileiro compra algumas posses, delimita a área e reivindica a propriedade de toda a comunidade. Os que não se subordinam são violentamente expulsos. É a prática mais comum contra colonos tradicionais, ribeirinhos, índios e outros que têm o direito legítimo à terra.

2 - O grileiro declara a ocupação da área e requer a propriedade em cartório. Este delimita o perímetro a muitos quilômetros adentro da floresta. E geralmente não se cruzam registros de terras com outros cartórios.

3 - Ele submete o registro ao INCRA (ou órgão fundiário estadual) e à Receita. O INCRA emite uma escritura definitiva de posse, venda ou doação. Se a área for superior a 2.500 hectares (ha), sua aquisição deveria ser aprovada pelo Congresso. Mas ele dribla essa norma registrando a terra com múltiplas posses menores em nome de “fantasmas”, sob argumento de arrendamento da terra. Com o título em mãos ele parte para a exploração da área. Quando quer madeira, precisa de autorização do IBAMA. Assim a grilagem conta com a natureza corrupta do Estado burguês em cartórios e órgãos fundiários (INCRA, IBAMA, etc) para apropriação ilegal de terras públicas.

LULA LEGALIZOU A GRILAGEM

Segundo o INCRA, sobre as posses já existentes, as grandes propriedades representam 20% dos posseiros e ocupam 88,5% da área. E Lula acabou de facilitar essa concentração de terras, cedendo às pressões da bancada ruralista ao sancionar a Lei 11.952/09 que



a legaliza a farra da grilagem de terras públicas na Amazônia (Ver JLC 22). Ele normatizou a venda, sem licitação, de propriedades de até 1,5 mil ha (mil e quinhentos campos de futebol), quando já havia a legitimação da posse da terra ocupada com até 50 ha como um direito previsto na Constituição de 88 (Art. 191). Assim, Lula realiza a continuidade da contra-reforma-agrária dos governos burgueses. Trata-se de uma afronta ao patrimônio público e um insulto as bandeiras históricas do PT, CUT e MST.

GRILAGEM = PRIVATIZAÇÃO = CAPITALISMO

A grilagem é uma forma de privatizar a terra e é uma das raízes do desordenado ordenamento fundiário na Amazônia. Os cadastros do INCRA, IBAMA, FUNAI e governos não casam uns com os outros, gerando infinitos conflitos e sobreposição de propriedades. Um caos fundiário típico de um país semi-colonial.

COMO COMBATER A GRILAGEM

- Mais funcionários e mais verbas para INCRA e IBAMA;
- Revogação das Leis 11.284/06 (privatização das Florestas Nacionais), 11.356/07 (divisão do IBAMA) e

11.952/09 (legalização da grilagem e desmatamento);

- Titulação e georreferenciamento das propriedades existentes.
- Expropriação das terras griladas e irregulares;
- Reforma agrária e regularização fundiária sob controle dos trabalhadores;
- Fim da propriedade privada da terra;
- Criação de um único cadastro de controle de terras no Brasil, gerando um sistema compatível de informações e possibilitando o encontro e o cruzamento de dados entre todos os órgãos. Instrumento fundamental para desfazer o caos fundiário e realizar a planificação da economia.

Para conhecer o histórico e o mapeamento da grilagem na Amazônia, acesse: www.marxismo.org.br



As manifestações de 14/08 e perspectivas

No dia 14 de agosto, milhares de trabalhadores e jovens saíram às ruas para participar do ato da Jornada Nacional Unificada de Lutas, dando continuidade às manifestações do dia 30 de maio que também ocorreu em todo o país



Jornada Unificada em Pernambuco

João Westin

joaowestinjr@yahoo.com.br

As manifestações ocorreram em São Paulo, Rio de Janeiro, Espírito Santo, Bahia, Alagoas, Amazonas, Amapá, Acre, Goiás, Mato Grosso, Pará, Paraíba, Rio Grande do Norte e Sergipe. Participaram seis centrais sindicais - a Força Sindical, a Central Única dos Trabalhadores (CUT), a União Geral dos Trabalhadores (UGT), a Central dos Trabalhadores e Trabalhadoras do Brasil (CTB), a Central Geral dos Trabalhadores do Brasil (CGTB) e a Nova Central Sindical de Trabalhadores (NCS) -, além do MST, que realizava sua jornada de luta pela reforma agrária, a UNE, a UBES, o PT e outros partidos de esquerda e diversas entidades do movimento social. Apesar de demonstrar que a luta dos trabalhadores está se rearticulando, uma avaliação deve ficar clara, não foi uma mobilização de massas, ainda.

Os trabalhadores saíram às ruas do país para protestar contra a crise, por reforma agrária e pela redução da jornada de trabalho para 40 horas semanais, sem redução de salário, contra as demissões, pela defesa de direitos sociais, a ratificação das convenções 151 (negociação coletiva no serviço público) e 158 (restringe demissão imotivada) da OIT (Organização Internacional do Trabalho) e por uma nova lei do petróleo.

Na capital paulista ocorreu o principal protesto no país, na Avenida Paulista, e reuniu aproximadamente 5 mil

manifestantes. Muito aquém do que poderia ser transformado esse dia de luta, já que de setembro de 2008 até agora foram fechados dois milhões de postos de trabalho, mesmo com a ajuda que é dada pelo governo aos empresários com redução de impostos e outras regalias. Já para os trabalhadores o que sobra são as demissões, as dívidas, a desmoralização.

Em São Paulo o que se viu, foi parte dos representantes das entidades no carro de som oficial da marcha defendendo a política do governo como na fala do Paulinho, presidente da Força Sindical - “Não se pode atacar tanto, um governo que tem defendido os trabalhadores. Graças ao au-

Os trabalhadores saíram às ruas do país para protestar contra a crise, por reforma agrária e pela redução da jornada de trabalho para 40 horas semanais, sem redução de salário, contra as demissões, pela defesa de direitos sociais, a ratificação das convenções 151 (negociação coletiva no serviço público) e 158 (restringe demissão imotivada) da OIT (Organização Internacional do Trabalho) e por uma nova lei do petróleo

mento do salário mínimo estamos saindo da crise. Temos de apoiá-lo, ano que vem tem eleição. Devemos tomar cuidado com o picareta do Serra”, afirmou Paulinho.

Ora, o atual salário mínimo está muito distante de uma política progressiva do aumento real para o piso nacional dos trabalhadores. O Departamento Intersindical de Estatística e Estudos Sócio-Econômicos (Dieese) estimou que em julho desse ano o valor do salário mínimo deveria ser de R\$ 1.994,82, ou seja, 4,29 vezes o mínimo vigente, de R\$ 465,00.

O dirigente nacional do MST, João Paulo Rodrigues, cobrou em seu discurso a realização da reforma agrária e condenou corretamente o empréstimo feito pelo Governo Federal ao FMI. “O dinheiro que é dado ao FMI deveria ser destinado para melhorar as condições de vida do povo. Vamos cobrar de Lula as promessas não cumpridas”, apontou João Paulo.

O MST realizou sua jornada de luta na semana do dia 09 ao dia 14 de agosto, na qual exigiu o descontingenciamento de R\$ 800 milhões do orçamento do In-cra para este ano e aplicação na desapropriação e obtenção de terras.

Para os dirigentes do PSTU e PSOL, um dos centros da manifestação foi campanha pelo Fora Sarney, com músicas e camisetas pela renúncia do presidente do Senado. Parece que o PSTU já esqueceu as 4.200 demissões na Embraer e coloca agora como foco a luta pela moralização de uma instituição do Estado burguês, o senado.

A CUT que participou do ato de maneira tímida, diferente de outros tempos em que foi protagonista e mudou a história, agora não está jogando suas forças nas mobilizações. A principal bandeira da CUT para o próximo período é a redução da jornada de trabalho, para 40 horas semanais, sem redução de salário. Em seu discurso o presidente da CUT, Artur Henrique antecipou: “Vamos colocar 100 mil pessoas em Brasília para reduzir a jornada de trabalho”. Parte da pauta do ato era a luta pela aprovação da PEC (proposta de emenda constitucional) que reduz a jornada de trabalho de 44 para

40 horas semanais, em tramitação na Câmara. “Queremos que o Congresso vote medidas que favoreçam a classe trabalhadora ao invés de ficar discutindo a CPI da Petrobras”, afirmou Artur Henrique.



A Esquerda Marxista foi para os atos do dia 14/08 levantando essas bandeiras, pois acreditamos que essas são as medidas necessárias para barrar as demissões e a retirada de direitos



O papel que a CUT, e as demais centrais e os movimento sociais tem que jogar é desde já construir as bases para uma greve geral, para sacudir o país pela redução da jornada de trabalho, sem redução de salários, pela reestatização da Vale, da Embraer e de todas as empresas estatais privatizadas sob controle operário, é pela Petrobrás 100% estatal, e a estatização das fábricas quebradas e ocupadas pelos trabalhadores e as que demitem.

A Esquerda Marxista foi para os atos do dia 14/08 levantando essas bandeiras, pois acreditamos que essas são as medidas necessárias para barrar as demissões e a retirada de direitos.

Manifestações como a do dia 14 são importantes, como início de maiores jornadas de luta e de verdadeiras mobilizações dos trabalhadores nas fábricas e locais de trabalho. Ou não passarão de ações de protesto destinadas apenas a soltar vapor para que a panela não estoure. E evidentemente que as reivindicações e palavras de ordem devem ser muito concretas. Não adianta se manifestar “contra a crise”. Isto é genérico. O que precisamos é dizer que se os patrões demitirem, nós vamos ocupar. Se uma empresa demitir ou quebrar deve ser estatizada. E exigir todas as medidas concretas de defesa real da classe trabalhadora e que ajudem a avançar a luta pelo socialismo, pelo fim do regime da propriedade privada dos meios de produção.

Associação de Moradores do Bairro Adhemar Garcia, instrumento de luta

Uma Associação de Moradores que não aceita ser integrada ao aparato do Estado e organiza as lutas dos trabalhadores no bairro



Associação de Moradores Adhemar Garcia em mobilização contra o aumento da tarifa de ônibus

João Martins

jbmartins@yahoo.com.br

Durante décadas uma das formas de organização dos trabalhadores em Joinville, SC, eram as Associações de Moradores. Assim como em muitos outros lugares. Impulsionadas pelas Comunidades Eclesiásticas de Base da Igreja Católica (CEBS), algumas dessas Associações passaram a organizar grandes manifestações pelas reivindicações



A aproximação dos dirigentes da entidade com o Movimento das Fábricas Ocupadas apoiando a luta dos trabalhadores da Cipla e Interfibra, e conseqüentemente seu ingresso na Esquerda Marxista, foi um passo importante e decisivo para que começassem a ver a Associação de Moradores como mais um instrumento de luta no apoio as reivindicações dos trabalhadores

dos trabalhadores, como por exemplo, a luta dos seringueiros liderados por Chico Mendes, em Xapori no Acre.

A resistência à ditadura militar entre as décadas de 60 e 80, o fortalecimento dos Sindicatos de Trabalhadores Rurais e Urbanos da época e a fundação do Partido dos Trabalhadores (PT) são resultado, em parte, dessas organizações.

Com o passar do tempo, a burguesia começou a disputar esses espaços. Dividiu opiniões e várias associações, criaram outras, sob comando dos seus representantes, na mesma região. Denominadas ONGs, essas novas entidades deixaram de lutar pelas necessidades e direitos dos moradores e, por meio de uma política de assistencialismo, buscaram substituir o Estado e suas obrigações básicas como saúde, educação, lazer. Isso corroborou para distorcer o verdadeiro papel de uma Associação de Moradores e favoreceu para que essas entidades parassem nas mãos do crime organizado, muitas vezes colaborador financeiro dessas ONGs.

Na contramão desse movimento da burguesia, em 2002, a Associação de Moradores do Bairro Adhemar Garcia (AMBAG), elegeu uma nova diretoria. Com um discurso baseado na mudança, apoiada pela juventude católica e pelos moradores mais aguerridos, a nova di-

retoria herdou uma entidade desprovida de qualquer ligação com os moradores do bairro, mergulhada num caos administrativo e político. Inicialmente, os novos dirigentes seguiram políticas meramente burocráticas como ofícios, cartas e abaixo-assinados que não obtinham êxito nos seus resultados.

A aproximação dos dirigentes da entidade com o Movimento das Fábricas Ocupadas apoiando a luta dos trabalhadores da Cipla e Interfibra, e conseqüentemente seu ingresso na Esquerda Marxista, foi um passo importante e decisivo para que começassem a ver a Associação de Moradores como mais um instrumento de luta no apoio as reivindicações dos trabalhadores.

Deu-se novo rumo à Associação. Essa passou a ser um instrumento de luta dos trabalhadores moradores da região, com suas ações independentes de qualquer ligação com os instrumentos da burguesia, implantam um informativo periódico, constituem um quadro de sócios, conquistando a independência financeira. Adotam as manifestações públicas com a participação dos moradores como um eficiente método no alcance das reivindicações, como conseqüência o poder público atende as reivindicações dos moradores e os resultados positivos são visíveis a toda a comunidade.

Hoje, a Associação de Moradores do Bairro Adhemar Garcia é reconhecida

pelos movimentos sociais e outras associações como um exemplo a ser seguido na luta por emprego, saúde, educação, moradia, lazer e segurança, obrigações do poder público negadas constantemente. Nesse caminho atualmente os dirigentes trabalham para unir as outras Associações do bairro, criadas para enfraquecer a AMBAG. Sob a bandeira “união para fortalecer”, o êxito é uma realidade e, com cerca de 20.000 moradores no bairro, a Associação fica ainda mais forte. E neste momento em que a crise do capitalismo e suas conseqüências se afluam, os dirigentes da entidade têm realizado reuniões periódicas no bairro, para explicar aos trabalhadores que a única saída concreta para livrá-los do chicote da burguesia e de seu sistema é o **socialismo**, objetivo libertador defendido pelos dirigentes da AMBAG.

As Associações de Moradores não substituem os históricos instrumentos dos trabalhadores, como os sindicatos, porém podem ser os primeiros passos para que se consiga através destas entidades independentes, sem atrelamentos com a burguesia, desenvolver um programa marxista, comprometido com a luta de classes, dando os primeiros passos na clarificação da classe trabalhadora, para trilhar o caminho em direção a sua própria emancipação, pondo um fim definitivo a exploração do homem pelo próprio homem.



Reunião da Associação com moradores do bairro Adhemar Garcia

Venezuela em revolução

Os trabalhadores da VIVEX marcharam 280 km para defender a ocupação da fábrica e a revolução



Trabalhadores da VIVEX entram em Caracas após a marcha que atravessou o país

Vanderci Bueno
vanderci.bueno@gmail.com

Em 21 de Novembro, os 360 trabalhadores da VIVEX ocuparam a fábrica que está localizada no distrito industrial de Los Montones na cidade de Barcelona, no estado de Anzoátegui. (Venezuela). Esta fábrica produz vidros para a indústria automobilística e os trabalhadores estão pedindo ao presidente Chávez que a nacionalize.

A principal razão para ocupar a fábrica foi o não pagamento dos abonos (prêmios por produtividade) que estão incluídos no acordo de negociação coletiva. Segundo os dirigentes sindicais José Angel Hall, Darwin Wilche e Pablo Cumana: “a empresa disse que está em quebra e se nega a pagar os 120 dias de abono aos quais os trabalhadores têm direito”. “A empresa disse aos trabalhadores que lhes pagaria 15 dias, os trabalhadores responderam que a empresa devia tornar público seus livros de contas para comprovar se realmente estava tendo perdas”. O empresário se recusou. Os trabalhadores tomaram a fábrica.

Desde então os trabalhadores da VIVEX estão em luta para obter sua reivindicação: garantir seus empregos e nacionalizar a empresa integrando-a no rol das empresas socialistas e sob controle operário.

A situação da VIVEX não é um caso isolado. Os trabalhadores nas empresas do setor automobilístico na Venezuela desde o final do ano passado estão agitando-

se e realizaram várias manifestações. Na OCI Metalmeccanica, no Estado de Carabobo paralisaram os trabalhos na fábrica de tanques de combustíveis. Em Cumaná os trabalhadores da Toyota, no Estado de Sucre, também protestaram contra a decisão unilateral da empresa de colocar um de seus turnos de trabalho em férias não remuneradas. Na fábrica da Ford, também em Carabobo os trabalhadores estão em pé de guerra porque a empresa quer romper o acordo coletivo. Na Mitsubishi, no Estado de Anzoátegui os trabalhadores chegaram a tomar a fábrica em apoio aos trabalhadores terceirizados.

É a marcha da revolução que segue seu curso e enfrenta de um lado a burocracia instalada no aparato de Estado e de outro a lassidão, o sectarismo e burocratismo sindical dos dirigentes que se recusam a organizar o conjunto dos trabalhadores para tomar em suas mãos o destino da produção e iniciar a organização da economia planificada.

Enfrentando essa situação, os traba-



Desde então os trabalhadores da VIVEX estão em luta para obter sua reivindicação: garantir seus empregos e nacionalizar a empresa integrando-a no rol das empresas socialistas e sob controle operário



lhadores da VIVEX marcharam desde Barcelona até Caracas, mais de 280 km, para levarem suas reivindicações diretamente ao presidente Chávez. Saíram de Barcelona em 03 de junho e o sindicato dizia ao presidente Chávez: “solicitamos seus apoio e toda colaboração possível os trabalhadores assumiram essa decisão heróica como classe e vanguarda da revolução, marchar desde Barcelona....até Caracas....com o objetivo de chamar o Presidente Hugo Chávez Frias a expropriar esta fábrica ...a qual tem sido gerenciada por um grupo de burgueses fascistas que tem tomado posições contra o governo bolivariano e os trabalhadores”.

Conforme informava Jorge Martin da CMI quando da tomada da fábrica: “Os conflitos na indústria automobilística na Venezuela estão inseridos no contexto do “PLAN VENEZUELA MOVIL”, um acordo entre o governo e as empresas automobilísticas introduzido em 2005. O objetivo do plano era desenvolver a indústria automobilística venezuelana (baseado principalmente na montagem de componentes produzidos em outros locais), para permitir aos consumidores ter acesso e comprar carros a um preço razoável e com boas condições de financiamento e, deste modo, seriam criados mais empregos. O plano consistia na isenção de impostos para a venda de carros e também para as empresas que se comprometessem a aumentar a porcentagem de peças produzidas no país para determinados modelos inseridos nesse plano”.

“Esse plano fracassou por completo e agora a burocracia que o vendeu como sendo a perola para salvar os empregos faz de tudo para impedir a nacionalização e o controle operário na VIVEX e com isso se associam aos patrões, que atacando os trabalhadores propuseram: 1. - Não saldar nenhum tipo de pagamento aos

trabalhadores desde a ocupação da fábrica, apesar de que o Ministerio do Poder Popular para o Trabalho assim ter determinado; 2.- Não manter os dirigentes sindicais dentro da fábrica; 3.- reduzir em 40 % a folha de pagamentos; 4- Que o Estado subsidie a compra de materia prima e a reposição de peças para as máquinas. Os trabalhadores obviamente consideraram isso um ataque às suas conquistas”. (Jorge Martin, em www.marxist.com)



É a marcha da revolução que segue seu curso e enfrenta de um lado a burocracia instalada no aparato de Estado e de outro a lassidão, o sectarismo e burocratismo sindical dos dirigentes que se recusam a organizar o conjunto dos trabalhadores para tomar em suas mãos o destino da produção e iniciar a organização da economia planificada



Mesmo tendo marchado mais de 280 km e permanecido em Caracas por varios dias os marchantes não conseguiram uma audiência com Chávez e consideram que isso se deve à barreira erguida pelos burocratas que estão no governo. Em 27 de julho realizaram uma Assembleia para traçar a continuidade de sua luta e debatwer as orientações do II Encontro Latino Americano de Fabricas Recuperadas, realizado em Caracas, de 26 a 28 de julho de 2009.



Trabalhadores da VIVEX esperam ser recebidos por Chávez em frente ao Palácio Miraflores

Argentina: um balanço das eleições

Início de uma recomposição política pela esquerda e ocaso do kirchnerismo



“Manifestación” (Manifestação), 1934, de Antonio Berni

Corrente Socialista El Militante

elmilitante_argentina@yahoo.com.ar

AS ELEIÇÕES LEGISLATIVAS DE DOMINGO 28 DE JUNHO MOSTRARAM O FORTALECIMENTO DO MOVIMENTO DE ESQUERDA, PROYECTO SUR, NA CENA POLÍTICA NACIONAL

O aspecto mais relevante das eleições legislativas do domingo 28 de junho foi o fortalecimento do movimento político de esquerda **Proyecto Sur**, no primeiro plano da cena política nacional. **Proyecto Sur** alcançou o 2º lugar na cidade de Buenos Aires, capital do país e segundo distrito eleitoral mais importante da nação, e obteve 24,2% dos votos, 440.000 votos. Desta maneira, elegeu quatro representantes para a Câmara dos Deputados e oito para o legislativo municipal de Buenos Aires, convertendo-se na primeira força de oposição ao governo de Mauricio Macri na capital.

Além do extraordinário resultado na cidade de Buenos Aires, Proyecto Sur, sem meios, nem aparelhos, conseguiu outros 100.000 votos com candidatos próprios que apresentou na província de Santa Fé, Chaco, Rio Negro, Chubut

e Terra do Fogo

De longe, este é o resultado eleitoral mais importante conseguido por uma força de esquerda na Argentina em décadas. Isto abre enormes possibilidades ao desenvolvimento de um movimento político de massas assentado na classe trabalhadora, como tem afirmado a **Corrente Socialista El Militante**.

TENDÊNCIA À ESQUERDA

A imprensa burguesa ressalta nas manchetes dos jornais que o apoio ao oficialismo kirchnerista afundou de 45% para 31% em votos, silenciosamente, que o apoio à direita marxista, na capital, afundou de 46% para 31% e perdeu mais de 300.000 votos.

Não é muito assinalar, o profundo equívoco que caíram aqueles dirigentes da CTA que, como Hugo Yasky e os dirigentes do sindicato docente CTERA, deram apoio expresso ao kirchnerismo na Capital Federal.

Estes dirigentes erraram completamente o rumo político e deveriam dar um giro de 180º à esquerda em sua agitação política ou renunciar suas posições na Central, a favor de outros dirigentes que expressem de maneira mais cabal o verdadeiro sentimento dos trabajado-

res, não só na Capital Federal, mas também no conjunto do país

No principal distrito eleitoral do país, a província de Buenos Aires, além da derrota do kirchnerismo, o dado mais destacado é a votação obtida pela sigla **Nuevo Encuentro**⁴, encabeçada pelo administrador de Morón, Martín Sabbatella, respaldada pelos principais dirigentes nacionais e provinciais da CTA.

Nuevo Encuentro conseguiu cerca de 6% dos votos, mais de 400.000 votos e colocou dois deputados nacionais na Câmara de Deputados. É significativo que **Nuevo Encuentro** conseguiu 75% de seus votos (mais de 300.000) no Conurbano Bonaerense, principal concentração proletária da província e do país.

Independentemente do caráter confuso de seu programa (foi uma aliança de “semi-opositores” e de “opositores” pela esquerda, ao oficialismo kirchnerista), o voto em **Nuevo Encuentro** expressou a busca de uma alternativa pela esquerda

Dado que, dirigentes da CTA como kirchneristas apostaram em Martín Sabbatella nestas eleições, agora, que está eleito, deveriam exigir dele que coloque em discussão no Congresso, as principais demandas da Central Sindical: a proibição das demissões por 6 meses, a recuperação dos recursos naturais pelo Estado, a salários equivalentes às necessidades da

família, etc., como se comprometeu em fazer o **Proyecto Sur**. Isto servirá para demonstrar que Martín Sabbatella merece a confiança que nele depositaram os dois dirigentes da CTA e a partir daí, possa se justificar uma aproximação política entre **Proyecto Sur** e **Nuevo Encuentro**.

A tudo isto se deve somar cerca de 500.000 votos conseguidos em todo país pelas diferentes siglas de esquerda, menores, uns 100.000 votos mais que nas eleições presidenciais de 2007. Sem dúvida, foi uma quantidade de votos similar a conseguida por todos estes grupos nas eleições anteriores.

Estes dados marcam uma tendência política à esquerda, de uma ampla camada da classe trabalhadora e da juventude que só está em seu início, e demonstra a existência de condições maduras para a formação de um movimento político de massas em todo o país, assentado na classe operária.

(1) Proyecto Sur – Movimento dirigido pelo cineasta Pino Solanas.

(2) CTA – Central de Trabajadores da Argentina formada em fundação em 14 de novembro de 1992. Nasce em oposição à política da CGT.

(3) Pino Solana – Eleito deputado por Proyecto Sur assumirá em 10/12/2009.

(4) Nuevo Encuentro – Fente eleitoral da Província de Buenos Aires. Apoiados por De Genaro, ex-presidente da CTA, elegeu dois deputados, Martín Sabbatella e Graciela Iturraspe.



Desocupados (Desempregados), 1934, do pintor argentino Antonio Berni

Começou a revolução em Honduras

O Jornal Luta de Classes, que desde o dia 29 de agosto, um dia após o golpe gorila em Honduras, publicou em seu site www.marxismo.org.br uma Declaração de solidariedade com o povo hondurenho, contra o golpe e exigindo a restituição de Zelaya, soma-se aos esforços de todos os que estão nesta luta. A resistência ao golpe abriu uma nova situação integrando Honduras na revolução latino-americana

Para os marxistas é claro que as conseqüências da vitória ou da derrota do golpe terá repercussões em toda a América Latina, especialmente na Venezuela e na Bolívia, pontos avançados da revolução americana.

Por isto publicamos abaixo trechos de relatos (com o nome de Brasileiros em

Honduras - Comunicados 2 e 3) feitos por uma delegação constituída por Amauri Soares, deputado estadual (SC), Ivan Pinheiro, Secretário Geral do PCB e Marcelo Buzetto, dirigente nacional do MST. Os informes dos companheiros dão uma importante dimensão da resistência popular e da situação em Honduras.



Marcelo Buzetto, Amauri Soares e Ivan Pinheiro em manifestação em Honduras



Com impressionantes manifestações o povo hondurenho resiste contra o golpe de Estado

COMUNICADO 2

Hoje, 11 de agosto, Honduras foi palco de grandes manifestações populares. ...

Milhares de trabalhadores e trabalhadoras do campo e da cidade se uniram numa mobilização que reuniu cerca de 50 mil pessoas na capital, Tegucigalpa. Estavam presentes camponeses/trabalhadores rurais da Via Campesina, membros da Confederação Nacional Indígena-COPIN, diversos setores do movimento operário-sindical (com destaque para os professores que mantêm uma greve por tempo indeterminado), Federação Universitária Revolucionária-FUR e outros setores do movimento estudantil, Frente dos Advogados Contra o Golpe, Feministas Contra o Golpe, setores do Partido Liberal, setores da igreja católica, Igreja Luterana, parlamentares e militantes do Partido da Unificação Democrática – UD, do Movimento Nova Democracia e inúmeras outras entidades dos movimentos social-operário-popular-estudantil.

...
A esposa e a filha de Zelaya também falaram nos atos.

...
A marcha foi impedida de se aproximar da Casa Presidencial, e aí se viveu um momento de impasse. A polícia iniciou uma negociação para que ocupássemos uma faixa da avenida e seguíssemos por uma rua próxima da Casa, mas o exército foi contra e mandou mais soldados para fortalecer a barreira criada pelas forças da repressão.

... um grupo de policiais atirou, ..., num jovem militante. Então setores do povo reagiram ... A polícia aproveitou para desencadear a repressão disparando contra o povo. O resultado foi aproximadamente 50 presos.

...
Fortalecer as marchas e mobilizações, fortalecer a unidade na Frente, defender em qualquer situação uma Assembléia Constituinte, parecem ser essas as tarefas principais desse momento.

COMUNICADO 3

Com a impressionante ampliação da resistência popular, após 46 dias de golpe, a repressão de ontem para hoje atingiu seu mais elevado nível, de acordo com nossos interlocutores e a própria imprensa burguesa.

...
A nossa delegação foi carinhosamente recebida pelos manifestantes. ... Deixamos claro que estamos aqui em representação de diversas instituições políticas e sociais brasileiras, solidárias com a resistência. Desfraldamos na manifestação uma bandeira brasileira, que apareceu em toda a cobertura da televisão e da imprensa em geral.

...
À noite, o governo decretou a volta do toque de recolher. De madrugada, a sede da Via Campesina foi alvo de um atentado a tiros por parte de agentes golpistas.

Apesar desta ofensiva da direita, nova manifestação se deu hoje, com dezenas de milhares de pessoas ... Chegando ao destino, a passeata foi cruelmente reprimida pela Polícia Nacional e pelo Exército. Milhares de soldados, em grupos de cerca de trinta, percorreram as ruas do centro da cidade dispersando violentamente os

manifestantes.

Grande parte dos manifestantes dirigiu-se então à Universidade Pedagógica, a fim de se reagruparem e se reorganizarem. No entanto, o Exército e a Polícia já haviam ocupado o campus universitário. Neste momento, a sede da Via Campesina, de alguns sindicatos e de organizações ligadas à Frente Nacional Contra o Golpe de Estado estão ocupadas pelas forças repressoras.

Quando escrevamos este informe, ainda não se conhecia o número de vítimas da repressão que, entre presos e feridos, certamente se contam às centenas. Vejam algumas fotos que aqui apresentamos.

Amanhã devemos voltar ao Brasil, após realizarmos contatos políticos com as forças que impulsionam a resistência, de forma que possamos em nosso país dar continuidade à solidariedade.

Conclamamos todas as forças progressistas brasileiras a cerrarem fileiras em torno da solidariedade ao povo hondurenho. Até porque, pelo que sentimos aqui, a resistência deste valoroso povo não se curvará aos oligarcas locais e ao imperialismo.

Tegucigalpa, 13 de agosto de 2009

Amauri Soares
Deputado Estadual (SC)

Ivan Pinheiro
Secretário Geral do PCB

Marcelo Buzetto
Dirigente Nacional do MST

Entrevista com Faustão, eleito para a direção nacional da CUT

Severino Nascimento "Faustão" é dirigente do Sindicato dos Químicos de Pernambuco e da direção da Esquerda Marxista

Da Redação

contato@marxismo.org.br

Jornal Luta de Classes: Como foi o 10º. CONCUR?

Faustão: Do ponto de vista de grandes debates políticos isso não houve no 10º CONCUR. Até porque o formato como foi construído o Congresso conduzia justamente para que não houvesse grandes discussões. E assim foi também nos CECUTS Brasil a fora. Na verdade é um retrato da crise que passa a maior central sindical do Brasil, que na minha modesta opinião, não consegue responder para os trabalhadores de forma prática e objetiva que a única saída para a nossa classe é o socialismo.

O primeiro debate que se deu, no CONCUR, foi com a apresentação das teses e depois com as emendas. A principal discussão foi com uma das emendas que apresentamos contra o Governo de coalizão, propondo que a CUT se posicionasse pelo rompimento do governo Lula com os partidos capitalistas. Mesmo tendo perdido a votação nós obtivemos mais de 200 votos, o que é um fato muito importante. Fomos a única força política a defender isso no CONCUR. E tivemos o apoio da base da que votou massivamente conosco.

O ponto ridículo do CONCUR ficou por conta da Corrente O TRABALHO, que se absteve nesta emenda e depois enviou Júlio Turra para fazer uma declaração de voto reacionária, anticomunista e anarco-sindicalista, afirmando que ali, o Congresso da CUT, não era o fórum pertinente para discutir questões do governo, pois essa questão devia ser debatida dentro do Partido. Uma declaração vergonhosa.

Ainda mais que todos os Congressos da CUT sempre se posicionaram em apoio político e material às campanhas majoritárias do PT, em especial às campanhas de Lula para a presidência. E o fazem corretamente. Trata-se de apoiar



Faustão defende a ruptura com a burguesia no plenário do 10º CONCUR

os partidos operários contra a burguesia. A CUT falha é em não exigir de fato as reivindicações, aceitar e apoiar a política equivocada de Lula e ainda sentar-se em órgãos governamentais tripartites e outros junto com o governo e os patrões.

Mas o importante é que nossa emenda colocou o debate e estamos avançando.

JLC: Como foram as votações das principais resoluções?

Faustão: A força majoritária, a Articulação, tinha 82% dos delegados do Congresso, e isso determina a dinâmica do Congresso. E, então, eles aprovavam tudo o que queriam. As divergências que apareciam entre eles eram resolvidas entre eles. Mas, no CECUT-SP, por exemplo, isso significou a parada do congresso e plenárias separadas, etc. E quase se enfrentaram com duas chapas da própria Articulação. Isso expressa um início de divisão política entre setores sindicais que respondem a diferentes pressões na base. É um sintoma de início de determinada situação política.

Mas, atenção, nas votações importantes como a exigência da ruptura do Governo de coalizão, a Articulação votou contra, coesa, mas não nos atacou. Foram os centristas sectários da Corrente O TRABALHO que se abstiveram para

nos atacar. A AE votou conosco. A CSD (DS), ART-SIND (CNB e outros) e a TM, votaram contra a nossa proposta.

JLC: Qual a perspectiva para o movimento operário após o CONCUR?

Faustão: A perspectiva para o movimento operário é de muita luta, uma vez que não houve grandes resoluções que armem o conjunto da classe para o próximo período. Vai ser um desafio para todos nós que temos que combater junto aos sindicatos para trazer esse debate no sentido de organizar as categorias para enfrentarem os obstáculos que se viram no próprio CONCUR. E cabe a nós que acreditamos no legado do Marx, que só destruindo o capitalismo e construindo o socialismo é que podemos realmente ter

paz, cabe a nós esta tarefa. Senão, meus amigos, a classe trabalhadora está condenada a luta.

JLC: Quais são as perspectivas da Esquerda Marxista?

Faustão: Eu vejo com muita felicidade que temos um espaço extraordinário para o nosso crescimento e fortalecimento na classe operária, mas isso só vai ser possível com tranquilidade, paciência e perseverança. E falo isso, simplesmente porque a nossa política é muito acertada e entra na classe operária com muita fluidez, porém temos que saber dialogar e entender que ainda somos uma semente dentro desse latifúndio. É preciso muito cuidado, e muita firmeza, para não cair no oportunismo ou no sectarismo.

O oportunismo político ou o sectarismo não nos servem como método em nada, e pelo contrário, só nos afastariam de nosso objetivo central.

É preciso principalmente acreditar na classe operária e na luta de classes, no nosso programa marxista, pois a classe operária é que vai conduzir a luta pela libertação de toda a humanidade e construir a sociedade socialista. Por isso mesmo creio que as possibilidades de nos implantarmos na classe operária são enormes, mas atenção, com muita calma e com política organizada, centrada no dia a dia e na vida real das pessoas ao mesmo tempo tendo um olhar firme no horizonte.



Plenário de abertura do 10º CONCUR, muito "glamour" e pouca discussão política